LACRE
Literatura, arte, cultura & recordes
ANO VI – Ed. 116 – 2ª quinzena de Outubro de 2026



"Cansei de Ser Belo", comédia inédita de Emílio Boechat, explora com humor o lado ridículo da vaidade

CINCO LIVROS BRASILEIROS ADAPTADOS PARA O CINEMA

De relatos autobiográficos a fábulas e metaficção, veja como histórias marcantes da literatura nacional ganharam novas camadas e significados ao saltarem das páginas para as telonas

*Por Cesar Garcia Lima**

Nesta seleção de títulos, tive em mente livros que são destaques no universo literário brasileiro de várias épocas e que, transpostos para as telas, são redimensionados em seu alcance ficcional, incluindo, formas diversas como o relato autobiográfico e a metaficção

AINDA ESTOU AQUI (2015), de Marcelo Rubens Paiva

O livro ganhou um novo alcance a partir da repercussão internacional de sua adaptação para o cinema em 2024, dirigida por Walter Salles e protagonizada por Fernanda Torres. O relato autobiográfico do autor paulistano percorre sua infância e vida adulta, tendo como um dos marcos a prisão de seu pai, o deputado Rubens Paiva, em 1971, durante a ditadura militar. O foco principal, no entanto, é a relação com a mãe, a advogada Eunice Paiva. O livro, bem mais denso e multifacetado do que a versão para as telas, entra em detalhes sobre a trajetória militante de Eunice depois do desaparecimento do marido.

EU RECEBERIA AS PIORES NOTÍCIAS DOS SEUS LINDOS LÁBIOS (2005), de Marçal Aquino

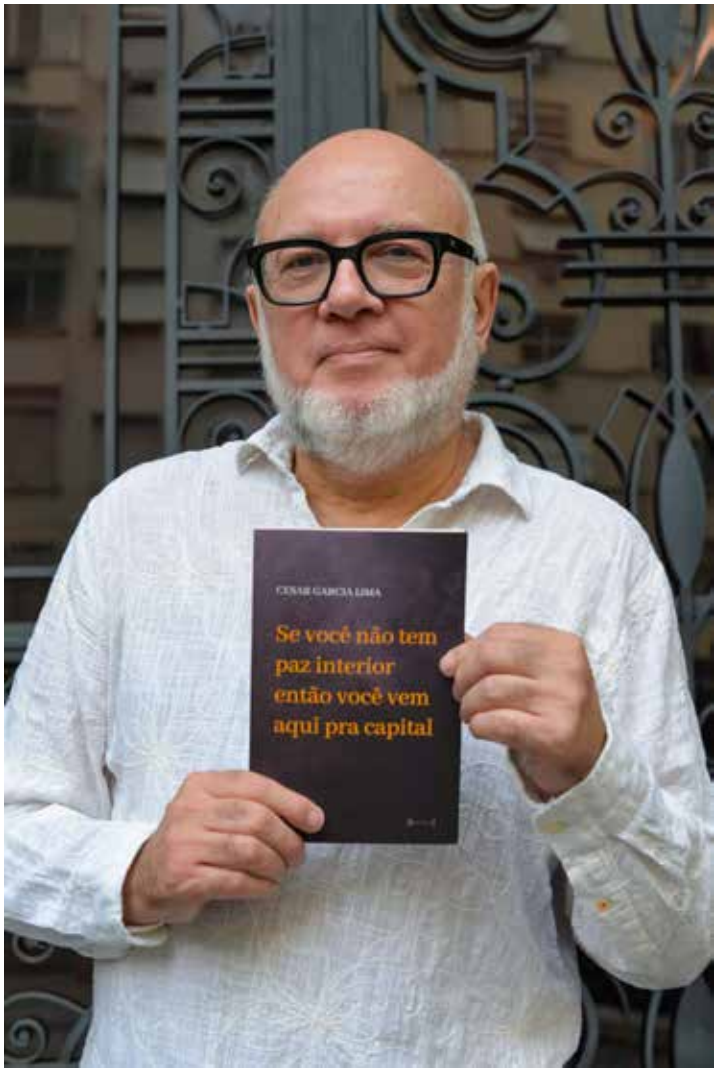
O romance traz como elemento de destaque a complexidade psicológica de seus protagonistas: o fotógrafo Cauby, o pastor Ernani e a mulher dele, Lavínia, em uma cidade da Amazônia dominada pelo garimpo. Nesse cenário ardente (em vários sentidos), o relacionamento entre Cauby e Lavínia se intensifica e expõe fragilidades e contrastes entre a urbanidade e o interior. A versão cinematográfica dos diretores Renato Ciasca e Beto Brant, de 2011, surpreende por não explicar em excesso as ótimas digressões do livro.

A HORA DA ESTRELA (1977), de Clarice Lispector

A novela de Clarice Lispector é um livro único na literatura brasileira com um irônico narrador (Rodrigo M) metaficcional que especula sobre sua própria vida a partir do sofrimento de Macabéa, uma personagem marcada pela ingenuidade e a pobreza. Em 1985, a diretora Suzana Amaral cometeu a proeza de levar essa história para as telas excluindo esse narrador e deixando brilhar em sua humildade a singela protagonista interpretada por Marcélia Cartaxo. O que parecia uma heresia narrativa se converte em um dos filmes mais expressivos do caráter brasileiro.

O PAGADOR DE PROMESSAS (1960), de Dias Gomes

A peça de Dias Gomes é baseada na simplicidade de seu personagem principal, Zé do Burro, que busca cumprir uma promessa em agradecimento à vida de seu animal de estimação. Como uma fábula questionadora, o filme contrapõe a fé do personagem e a sociedade e seus mecanismos de controle. Adaptado para o cinema por Anselmo Duarte, a história ganhou caráter universal, foi premiado no Festival de Cannes de 1962, e subsiste até hoje em uma versão em preto e branco protagonizada por Leonardo Villar e Glória Menezes.



RELATO DE UM CERTO OR IENTE (1989), de Milton Hatoum

A prosa labiríntica do autor amazonense ganhou versão cinematográfica em preto e branco de Marcelo Gomes e é encenada de forma mais linear do que o livro, mas não menos fascinante e envolvente. Do Líbano à Amazônia, os irmãos Emilie e Emir, católicos, atravessam os mares para fugir da guerra, mas enfrentam suas próprias paixões e preconceitos para se estabelecerem no Brasil. É, ao mesmo tempo, uma viagem etnográfica e existencial.

**Cesar Garcia Lima encontrou uma forma de olhar o mundo. Nascido em Rio Branco, no Acre, em 1964, e vivendo no Rio de Janeiro desde 1995, o escritor construiu uma obra marcada pela atenção aos pequenos acontecimentos, às identidades em trânsito e às relações humanas. Depois de publicar quatro livros de poesia, ele consolida sua produção em prosa com Se você não tem paz interior então você vem aqui pra capital (Editora 7Letras, 2025), livro de contos, e Vida desencaixada (Editora Patuá, 2024), reunião de crônicas que, neste segundo semestre de 2026, circula pelo circuito Sesc Pulsar em dez unidades do estado do Rio de Janeiro.*

www.cesargarcialima.com.br

A zine revista LacrE é uma publicação digital, quinzenal, com distribuição dirigida da Editora Página Leste -

CNPJ 42.935.406/0001-06

Editor: J. de Mendonça Neto - Mtb 32792 - ABJ. No 4287

CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES:

paginaleste@hotmail.com

lacrezine@gmail.com

Whatsapp (11)99664-5072

https://paginaleste.worpress.com/

instagram.com/zinelacre

A DESCOLONIZAÇÃO QUE ESTÁ POR VIR

ensaio de teoria política

de Muryatan Santana Barbosa

Neste ensaio conciso, que combina profundidade filosófica, pesquisa acadêmica e intervenção crítica, Muryatan Barbosa apresenta aos leitores uma teoria política da descolonização — o que ele chama de "descolonização autodeterminada" — como alternativa às abordagens pós-coloniais, decoloniais e contracoloniais que atualmente dominam os debates contemporâneos. Para o autor, a autodeterminação dos países do Sul global só é possível com a construção de macronações autônomas no médio e longo prazo.

Abordando a descolonização como um fenômeno global e de longa duração, o livro examina as experiências americanas e afro-asiáticas. Dividido em duas partes — uma teórica e outra histórica e empírica —, a obra investiga os desafios políticos e conceituais impostos por esse processo, ao mesmo tempo em que busca atualizar e renovar o pensamento anticolonial e anti-imperialista.

Com uma forte trajetória intelectual que trafega entre a pesquisa acadêmica e o debate político, Muryatan oferece em A descolonização que está por vir: ensaio de teoria política, uma contribuição original às discussões contemporâneas sobre colonialismo, emancipação e teoria política.

Trecho

"O progresso é contraditório, trágico, mas existe. Em termos de mudança climática, sim, estamos caminhando para uma realidade horripilante, é verdade. Não sabemos para onde irão a inteligência artificial (IA) ou a biotecnologia. São novidades de nossa época. Mas vale lembrar que as condições de vida material da população mundial melhoraram vertiginosamente no século XX, após as revoluções industriais, as diversas lutas progressistas, as alternativas socialistas e as descolonizações. Basta lembrar que, duzentos anos atrás, o escravismo e o colonialismo eram tidos por aceitáveis. O direito de voto para as mulheres é uma conquista do início do século XX. Ainda em 1950, 75% da população mundial era pobre ou miserável. O separatismo racial só foi abolido nos Estados Unidos nos anos 1960… e o apartheid só foi desmantelado em 1994! É tudo muito recente, historicamente falando! Ademais, existe hoje um discurso público de direitos para todos e todas, independentemente de cor, raça, gênero etc., o que é uma novidade. E vale dizer: o passado não era melhor, pelo menos em termos de vida material e direitos humanos e sociais universais. Em suma, não é hora de desânimo, pois estamos às portas da possibilidade de construir um mundo realmente melhor! E como diria o saudoso revolucionário Amílcar Cabral: "A história não anda para trás"!".

Sobre o autor

Muryatan Santana Barbosa é historiador e sociólogo, professor adjunto do bacharelado em ciências e humanidades, do bacharelado em relações internacionais e do Programa de Pós-Graduação em Economia Política Mundial da Universidade Federal do ABC (UFABC). É autor de Guerreiro Ramos e o personalismo negro (2015) e A razão africana: breve história do pensamento africano contemporâneo

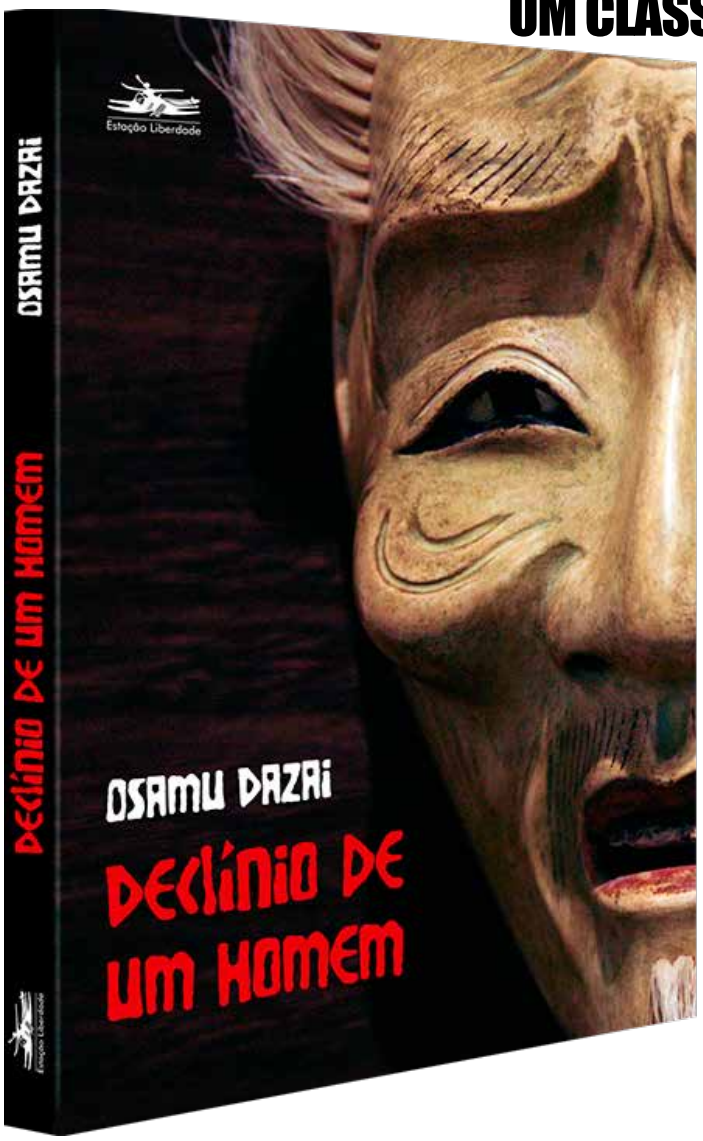
(2020), obra vencedora do Prêmio Jabuti na categoria ciências sociais em 2021. Pela Boitempo, publicou Desde Fanon (2025), em coautoria com Deivison Faustino.



Ficha técnica **A descolonização que está por vir: ensaio de teoria política**, Muryatan Santana Barbosa / Páginas: 144 / Preço: R$ 63,00 / Editora: @boitempo / Ano de lançamento: 2026 / E-book : R$ 51,00 Disponíveis em e-book: 17 de novembro de 2026



UM CLÁSSICO QUE SE RECUSA A DESAPARECER



Declínio de um homem torna-se cada vez mais um fenômeno editorial, à medida que uma nova geração de leitores se envolve com sua melancolia, humor e genialidade.

Osamu Dazai, o autor que escreveu sobre a impossibilidade de pertencer acabou, de maneira quase paradoxal, encontrando seu lugar em diferentes épocas com seu romance Declínio de um homem. Desde a infância, Yozo acredita não compreender os seres humanos. O que para os outros parece natural e espontâneo, para ele se transforma em fonte de medo e angústia, quase como uma fobia social. Coisas como relações familiares, desejos, ambições, regras de convivências básicas: tudo lhe dá a sensação de que os outros conhecem naturalmente essas "regras sociais", enquanto ele apenas as imita.

Para conseguir sobreviver em meio à sociedade, ele encontra uma estratégia. Fazer rir. Atuar. Transforma-se no menino engraçado, no palhaço capaz de converter a própria ansiedade em espetáculo. O humor torna-se uma forma de defesa porque lhe permite controlar, ainda que precariamente, a situação. Se as pessoas riem daquilo que ele oferece, talvez não percebam aquilo que esconde.

É nessa máscara que o romance de 1948 adquire uma atualidade desconcertante. O personagem Yozo não acredita que possa apresentar aos outros aquilo que é; ele precisa produzir uma versão aceitável de si mesmo. Quanto melhor desempenha esse papel, maior se torna a distância entre quem ele realmente é e quem ele quer ser para os outros. No mundo de hoje, onde as pessoas estão habituadas a perfis, avatares, fotografias selecionadas e editadas, vídeos, filtros e identidades cuidadosamente apresentadas, elas reconhecem e se reconhecem nessa angústia. Seria simplista demais dizer que talvez essa seja a razão de Declínio de um homem ser considerado um clássico atemporal, mas é igualmente difícil ignorar a permanência da pergunta que fica ao terminar de ler o romance: quanto de uma pessoa é aquilo que ela mostra?

Recentemente, a editora japonesa Shinchosha informou que a edição do romance em sua coleção Shincho Bunko havia alcançado 218 impressões e aproximadamente 7,46 milhões de exemplares, colocando o título entre os maiores fenômenos da história da coleção. Já o jornal britânico The Guardian dedicou uma reportagem sobre a renovação do público leitor da obra. A matéria registrou mais de 75 mil exemplares de Declínio de um homem vendidos no Reino Unido e relacionou o fenômeno não apenas à força literária do autor, mas também à cultura pop, especialmente ao anime e mangá Bungo Stray Dogs, demonstrando que a aproximação entre o clássico e o anime passou a interferir na circulação editorial de Osamu Dazai.

No Brasil, a procura pelo livro continua constante. Declínio de um homem foi publicado pela Estação Liberdade em 2015; durante seus primeiros anos, o romance circulou como de praxe, entre leitores de literatura japonesa e interessados na cultura do país. A partir de 2020, a editora começou a perceber uma mudança no público que procurava pela obra. Ao final de 2021, Declínio de um homem havia registrado crescimento superior a 500% nas vendas em relação ao ano anterior e, sozinho, correspondia a aproximadamente 12% da quantidade de exemplares vendidos pela Estação Liberdade naquele ano. Em 2023, tornou-se, pelo terceiro ano consecutivo, o best-seller da editora.

A história já foi adaptada para filmes, animações e mangás, e ganha cada vez mais visibilidade e novas adaptações. Entre os mais conhecidos está Aoi Bungaku, uma série de anime inspirada em seis contos da literatura japonesa, que tem com o episódio da história de Dazai o seu ponto alto. Também o filme intitulado Human Lost, dirigido por Fuminori Kizaki, que, aliás, contou com pré-estreia gratuita em São Paulo no começo de 2020, e depois passou a ser exibido no Telecine e nos serviços de streaming. E ainda o famoso mangá desenvolvido por Junji Ito, que chegou ao Brasil pela editora JBC, com o mesmo título do romance.

Quase oitenta anos depois, Osamu Dazai, com seu Declínio de um homem, continua proporcionando esse encontro de gerações, cada qual a sua maneira.

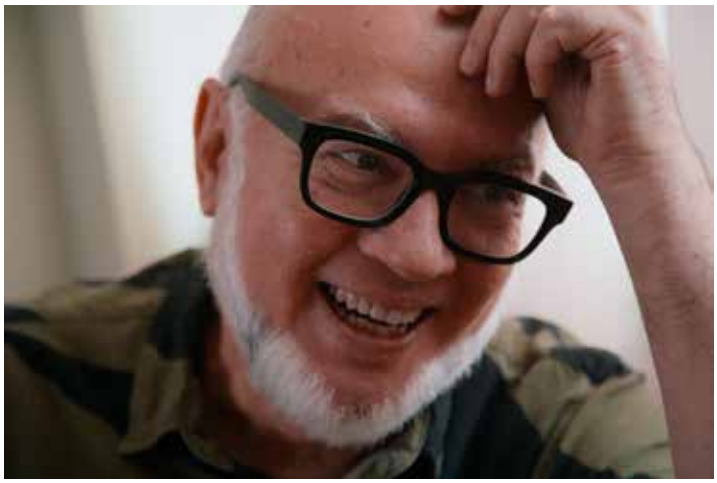
UM DIÁLOGO SOBRE TORNA-SE HUMANO

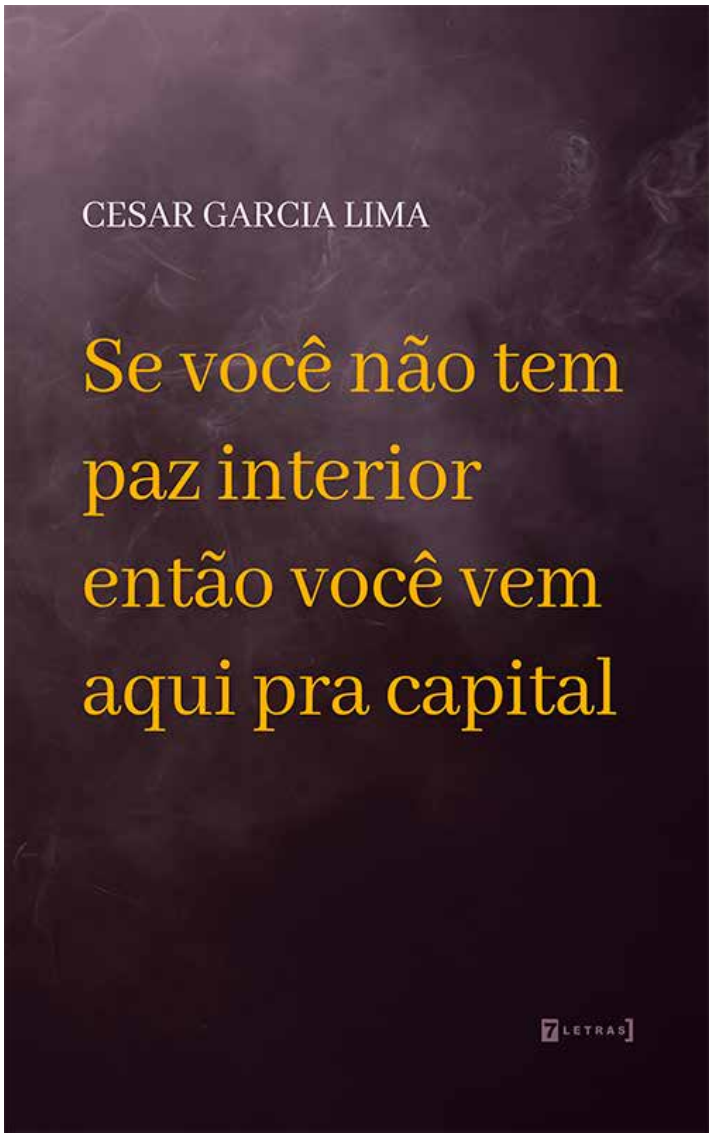
O livro divide-se em três cadernos, nos quais o autor, por meio do protagonista alter ego Yozo, narra em primeira pessoa diferentes episódios das adversidades que enfrenta. Yozo é um jovem estudante do interior que tenta sobreviver em Tóquio. Depressivo crônico, ele experimenta uma tristeza que se espalha como uma metástase, consumindo suas energias e impedindo-o de reaver uma alegria que, na realidade, nunca viveu. Quando jovem, procura se esforçar para ser aceito pelos outros, mas essa tentativa esconde uma dificuldade dolorosa: por não possuir o carisma necessário para conquistar as pessoas espontaneamente, ele recorre a encenações e brincadeiras exageradas para parecer divertido. Essas palhaçadas, que por vezes envolvem até esforços físicos, fora do ordinário, frequentemente surtem efeito. Quando, porém, as encenações são descobertas, o personagem sofre novos traumas.

Distante da família e com dificuldades financeiras, Yozo busca seu sustento produzindo histórias e desenhos de qualidade duvidosa para alguns periódicos populares, além de se aventurar na pornografia. Nem mesmo o amor das mulheres que se apaixonam por ele é capaz de lhe proporcionar alguma felicidade significativa. Com o tempo, suas manias tornam-se cada vez mais perturbadoras, reforçando a imagem de um "jovem Werther japonês".

O sucesso editorial de Declínio de um homem talvez se explique pela catarse na escrita de Dazai. Ao contrário de muitos de seus contemporâneos mais tradicionais da literatura japonesa, cuja produção costuma ser marcada pela sutileza e pelo etéreo, Dazai escreve de modo visceral, sem receio de expor os aspectos mais sombrios de sua vida interior, e assim alcança um lugar singular entre seus pares.

APÓS QUATRO LIVROS DE POESIA E UM DE CRÔNICAS, CESAR GARCIA LIMA ESTREIA NA FICÇÃO COM CONTOS SOBRE DIVERSIDADE E DESLOCAMENTO





Publicada pela Editora 7Letras @editora7letras, "Se você não tem paz interior então você vem aqui pra capital" reúne doze narrativas que exploram a alteridade e a busca por pertencimento de personagens excêntricos

O primeiro livro de contos de Cesar Garcia Lima @cegali, "Se você não tem paz interior então você vem aqui pra capital" (Editora 7Letras), tem origem em uma nota de um cruzeiro encontrada pelo autor quando morava no centro de São Paulo, nos anos 1990. "Logo comecei a imaginar uma história de vampiros, que se tornou o conto 'Escrito no dinheiro', que tanto lida com a questão de troca de identidade quanto da inquietação política no final da ditadura", conta o escritor. A cédula com a frase que dá título à obra aparece no conto "Escrito no dinheiro", que abre a coletânea, guardada na carteira do personagem Lázaro em meio a uma trama que se passa na região da Ladeira da Memória, Viaduto do Chá e Anhangabaú.

Poeta, cronista, jornalista e pesquisador de literatura e cinema, Cesar construiu uma trajetória marcada pelo diálogo entre criação literária, crítica e reflexão acadêmica. Autor dos livros de poemas Águas desnecessárias (1997), Este livro não é um objeto (2006), Trópico de papel (2019) e Bastante aos gritos (2021), além do volume de crônicas Vida desencaixada (2024), ele estreia agora na narrativa curta com seu primeiro livro de contos. Publicada pela Editora 7Letras, a obra tem 64 páginas e conta com orelha assinada pelo poeta e tradutor Ruy Proença.

A coletânea percorre, ao longo dos doze contos, do centro urbano à mitologia grega, do homoerotismo à visitação a personagens e autores literários transformados em personagens, com narrativas que vão do conto tradicional ao poema em prosa. O autor cria, segundo Ruy Proença, um "caleidoscópio de cenas urbanas". Em "Escrito no dinheiro", um homem troca de identidade, transitando entre a Ladeira da Memória, o Viaduto do Chá e o Anhangabaú; em "Nossa Senhora de Copacabana com Santa Clara", um ex-padre e uma enfermeira se encontram no cruzamento que dá nome ao conto; em "As ilhas de Dédalo", a voz do construtor do labirinto antecipa o voo do filho; em "O show da estrela", Macabéa reaparece diante de um reality show; e em "Dia de visita", a narrativa assume a cadência do poema em prosa na voz de uma mulher internada.

Os personagens estão em permanente fluxo. Conhecemos seus anseios sobretudo por aquilo que tentam esconder ou deixar para trás. A proposta parte da confiança no trabalho criativo de quem lê, convidado a preencher as lacunas do não dito e, nesse gesto, conectar-se às figuras retratadas.

"A inadequação dos personagens, as narrativas que refletem sua busca do outro e de si mesmos expressam meu olhar sobre o outro e sobre o mundo, assim também como minha própria trajetória pessoal, ainda que não me identifique jamais com a autoficção", afirma o autor.

No texto de orelha, Ruy Proença destaca a ironia do título e ressalta como o exercício de alteridade mescla investigação e reconhecimento do "eu" refletido no outro. Identidade e alteridade colidem, criando uma disputa de pontos de vista que obriga personagens e leitores a lidarem com a descoberta de si e com as distorções das próprias percepções. Ao lado da dimensão existencial, há também um humor sutil e uma ironia fina que atravessam algumas narrativas, ampliando a leitura para além do drama íntimo.

Intertextualidade, tradição e experimentação formal

A coletânea não adota uma única forma narrativa. Há contos mais tradicionais, textos que se aproximam da fábula, narrativas com traços ensaísticos e outros que tensionam o realismo com elementos alegóricos. Essa diversidade formal dialoga com a própria trajetória do autor, cuja formação poética imprime à prosa uma linguagem econômica, imagética e atenta aos detalhes mínimos.

Cesar observa seus personagens nos gestos discretos em relação aos arredores e articula essas experiências em diferentes vozes narrativas, valendo-se da intertextualidade. O autor se apropria de personagens e referências clássicas para tensionar a rigidez dessas histórias e deslocá-las para o presente. Ao retirar essas figuras de seus contextos originais e posicioná-las no caos urbano contemporâneo, convida o leitor a refletir sobre como sobrevivem (ou desaparecem) no mundo atual.

Nos contos, é possível perceber

...continuação da página anterior....

o diálogo com a mitologia grega, a poesia francesa e a vida e obra de Anton Tchékhov, além de Clarice Lispector e da personagem Macabéa. Em alguns textos, a aproximação com Clarice não se dá apenas pela referência, mas pela introspecção e pelo tensionamento entre interioridade e mundo externo. O escritor destaca ainda que a leitura da Bíblia ecoa em "Escrito no dinheiro", que a força sintética das fábulas se manifesta em "O cisne" e que a mitologia comparece em "As ilhas de Dédalo", compondo um conjunto que articula tradição e contemporaneidade.

Uma escrita entre deslocamentos: Amazônia, Sudeste e Europa

Nascido em Rio Branco, Acre, Cesar Garcia Lima traz em sua trajetória pessoal a marca dos deslocamentos que atravessam sua ficção. Viveu até a adolescência no estado natal, com passagem por São Paulo, onde mais tarde retornaria para estudar. Entre 1987 e 1988, morou em Paris e viajou pela Europa. Desde 1995, vive no Rio de Janeiro, para onde se transferiu como jornalista, passando depois a exercer a vida acadêmica. Essa experiência entre Amazônia, Sudeste e Europa reverbera na percepção aguda de deslocamento que marca os contos.

Doutor em Literatura Comparada (Uerj), mestre em Letras Vernáculas (UFRJ), com pós-doutorados em Teoria da Literatura (Uerj) e em Literatura Brasileira (UFRJ), é fundador e diretor da produtora cultural Voo da Palavra, dedicada à literatura, ao cinema e ao teatro, com promoção de cursos, curadoria de artes e incentivo à leitura. Também dirigiu e roteirizou o documentário Soldados da Borracha (2010), contemplado pelo edital Etnodoc (2009), entre outros trabalhos.

FICHA TÉCNICA: **Se você não tem paz interior então você vem aqui pra capital**, Cesar Garcia Lima / 64 págs / Contos brasileiros / Editora: 7Letras / Ano: 2025 / Site oficial: www.cesargarcialima.com.br

LINKS PARA COMPRA

7Letras: https://7letras.com.br/livro/se-voce-nao-tem-paz-interior-entao-voce-vem-aqui-pra-capital/

Amazon: https://www.amazon.com.br/gp/product/6559059715/ref=ewc_pr_img_1?smid=ACBPXNT9G15NA&psc=1

Martins Fontes: https://www.martinsfontespaulista.com.br/se-voce-nao-tempaz-interior-entao-voce-vem-aqui-pra-capital-1194369/p

Livraria da Travessa: https://www.travessa.com.br/se-voce-nao-tem-paz-interior-entao-voce-vem-aqui-pra-capital/artigo/63764750-1172-4f51-a47e-c4cbcc56c358

Karoline Lopes e Marcela Güther

LITERATURA E VINHO SE ENCONTRAM EM EVENTO COM A ESCRITORA LORENA BENATHAR, EM BLUMENAU

Autora de "Beba Vinho com Moderação", obra que combina ficção e ciência para abordar emoções, afetos e sexualidade, participa de degustação literária no dia 12 de novembro

Como aproximar literatura e vinho em uma mesma experiência? Essa é a proposta da "Degustação Literária", que recebe a escritora Lorena Benathar @lorenabenathar.tangerlivros no dia 12 de novembro, a partir das 19h, na Adega Vinorum, em Blumenau (SC). Autora de Beba Vinho com Moderação: Para bem viver emoções, afeto s & sexualidade, Lorena combina romance, crônicas, reflexões e dados científicos para explorar as relações entre o consumo da bebida, as emoções e a intimidade. O encontro une a literatura da autora a uma degustação de vinhos.

Beba Vinho com Moderação: Para bem viver emoções, afetos & sexualidade une ciência e narrativa para explorar a relação entre o consumo de vinho, as emoções e a sexualidade. O livro acompanha Sofia, executiva paulista que trabalha com segurança cibernética e, apaixonada por vinhos brasileiros, atravessa uma crise de meia-idade em que a bebida se torna aliada na resolução de seus conflitos existenciais. Para ela, o vinho, na dose certa, interfere nas emoções, nos afetos e na sexualidade, e tem o poder de valorizar o dia, aproximar pessoas e erotizar relações. A rotina de Sofia é abalada quando um enigmático argentino contrata os serviços de segurança de dados da empresa em que ela trabalha, e os dois se envolvem. A partir daí, ela passa a testar se essa influência do vinho também vai conquistá-lo.

A obra reúne crônicas, reflexões e narrativas apoiadas por dados científicos. Nesse mosaico de gêneros textuais, o livro apresenta o Índice de Função Sexual Feminina (FSFI), validado para a língua portuguesa, como ferramenta de reflexão sobre o consumo de vinho tinto e a sexualidade feminina, além de exercícios práticos de cálculo da massa de álcool voltados à conscientização sobre o consumo responsável. É o primeiro livro de Lorena a explorar a composição química do vinho sobre a intimidade, e conduz o leitor a uma pergunta central: seria o álcool a alma do vinho?

Sobre a autora: Lorena Benathar (1959) é graduada em Farmácia e atuou no meio acadêmico por 40 anos. Iniciou sua jornada no mundo dos vinhos durante o doutorado na Universidade de São Paulo, com pesquisa sobre produção de álcool por leveduras geneticamente modificadas. O tema a levou a estudos em Lisboa, que serviram de ponte para o universo vínico. Beba Vinho com Moderação é seu primeiro livro, no qual a ciência dá voz ao romance. Nas redes sociais, é @lorenabenathar.tangerlivros.

Evento: Degustação Literária

Data: 12 de novembro, a partir das 19h / Local: Adega Vinorum, Rua Sete de Setembro, 1016, sala 206, Galeria Estação, Centro, Blumenau (SC) / Realização: Adega Vinorum (@adegavinorum) / Inscrição: vagas limitadas, reserva pelo Direct ou WhatsApp (47 991578088)





FICHA TÉCNICA: Beba Vinho com Moderação: Para bem viver emoções, afetos & sexualidade, Lorena Benathar Editora: Benatanger Livros Produtora Editorial (Blumenau/SC) / Lançamento: 2026

O LUGAR DA MULHER É NA COZINHA?

Guida Cândido



Através de investigação histórica, leitura cultural, imprensa feminina, contexto social e político, e uma seleção de cinquenta receitas comentadas, Guida Cândido @guida.candido revela neste livro como a cozinha se tornou palco inesperado de voz, criatividade, autoridade e, por vezes, resistência.

Entre o final do século XIX e o primeiro programa de culinária na televisão nacional (1958), dezenas de mulheres portuguesas – muitas desconhecidas, algumas celebrizadas, outras escondidas atrás de pseudónimos – publicaram livros de culinária que moldaram a economia doméstica, os saberes alimentares e a identidade gastronómica do País.

Este livro reconstrói, pela primeira vez, a história integrada dessas autoras e dos seus livros, analisando um corpus cronologicamente contínuo (1894–1967), desde os primeiros manuais domésticos escritos por mulheres até à transição para a modernidade alimentar.

«(…) A autora convida-nos a espreitar o passado e, com isso, perceber melhor o presente, mas este livro, que desenforma um feminismo bem resolvido, não arruma as cozinheiras na categoria de fadas do lar. Estas mulheres, como aqui se comprova, da escrita e da cultura, cozinhavam também. É uma coisa que nos pode acontecer. Ou não. E, se quisermos fazer da cozinha uma biblioteca ou um espaço lúdico com boa acústica, também podemos.

A receita para uma mulher feliz é a sua liberdade, e Guida Cândido sabe-o bem. Lembremos as pioneiras em Portugal que, sem saber, estavam a adubar o terreno de muitas estrelas e influencers, para quem o nome, o género ou a condição nunca tiveram de ser pesados.»



Do prefácio de Inês Meneses

Guida Cândido (Coimbra, 1975) é historiadora da alimentação e investigadora integrada do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), onde colabora igualmente com a equipa DIAITA – Património Alimentar da Lusofonia.

É atualmente Chefe da Divisão de Cultura e Turismo do Município de Condeixa-a-Nova.

Publicou diversas obras de referência, entre as quais Cinco Séculos à Mesa, distinguido com vários prémios nacionais e internacionais, incluindo o Gourmand World Cookbook Award 2016 e Prémio Portugal Cookbook Fair, Livro do Ano 2017.

É igualmente autora de Five Centuries of Portuguese Cuisine (2017), Comer como Uma Rainha (Prémio de Literatura Gastronómica da Academia Internacional de Gastronomia, 2019), A Vida Secreta da Cozinha Portuguesa (Gourmand Award 2020) e São Favas Contadas. Dos Vegetais ao Vegetarianismo (2024).

Em 2026 recebeu o Prémio Águas de Santarém, atribuído pelo Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, pelo artigo Da insalubridade da água à centralidade do vinho: consumo, regulação e hierarquia social no Portugal quinhentista.

O FORJADOR DE ALMAS

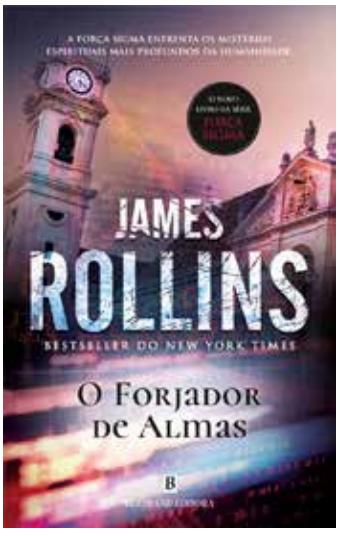
de James Rollins

O comandante Gray Pierce chega a casa na véspera de Natal e descobre que esta foi assaltada. A sua namorada grávida desapareceu e a mulher do seu melhor amigo, Kat, está inconsciente no chão da cozinha. Sem pistas, a sua esperança de encontrar a mulher que ama e o filho por nascer reside em Kat, a única testemunha do que aconteceu. Mas a mulher ferida está à beira do coma e não consegue falar até que um neurologista brilhante propõe uma abordagem radical para «destrancar» a mente dela durante tempo suficiente para fazer algumas perguntas.

O que Pierce descobre através da mente de Kat lança a Força Sigma numa busca febril por respostas ligadas a mistérios que remontam à Inquisição Espanhola e a um dos livros mais sangrentos e odiados da história da humanidade: um texto medieval conhecido como Malleus Maleficarum, o Martelo das Feiticeiras. O que eles descobrem oculto no passado revelará uma verdade assustadora no presente e um futuro no limiar da extinção, forçando-os a confrontar a questão fundamental: o que significa ter uma alma?

CRÍTICAS

«Com a inteligência artificial estamos a invocar o diabo.»



«Uma montanha-russa de ação.» Elon Musk

CRÍTICAS DE IMPRENSA

«Um thriller arrebatador.» The Real Book Spy

«Rollins é um fortíssimo contador de histórias.» South Florida Sun Sentinel

James Rollins tem um talento especial e a sua impressionante originalidade é saudada pelos críticos e abraçada por milhões de leitores em todo o mundo. A sua série Força Sigma foi considerada «no topo das boas leituras» (New York Times) e uma das «melhores leituras de verão» (revista People). Os seus livros refletem a preferência do público e as suas obras estão traduzidas em mais de quarenta idiomas. Rollins é conhecido por revelar mundos invisíveis, descobertas científicas e segredos históricos. As suas narrativas são pautadas pela ação e por um ritmo alucinante.

ABICHEDÁRIO

Antonio Carlos Secchin

No seu segundo livro infantil, imortal da ABL junta animais e rimas em uma proposta lúdica de alfabetização

Uma onça vaidosa, uma sardinha sem papas na língua e um papagaio poliglota. Esses e muitos outros bichos ganham vida nas páginas de Abichedário, lançamento infantil do renomado poeta, escritor e membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), Antonio Carlos Secchin. Chegando às livrarias pela Rocco, a obra une o aprendizado do alfabeto ao fascinante universo dos animais.

Após estrear no universo infantojuvenil em 2018 com a história O Galo Gago (Rocco), finalista do Prêmio Jabuti na categoria infantil, Secchin agora vai de A a Z para apresentar uma ótima opção de leitura para crianças em fase de alfabetização. Embalada por rimas, trocadilhos e ilustrações muito coloridas, cada letra guarda uma surpresa e um personagem diferente, levando os pequenos futuros leitores a um passeio por um zoológico literário enquanto exploram o alfabeto de forma leve e divertida.

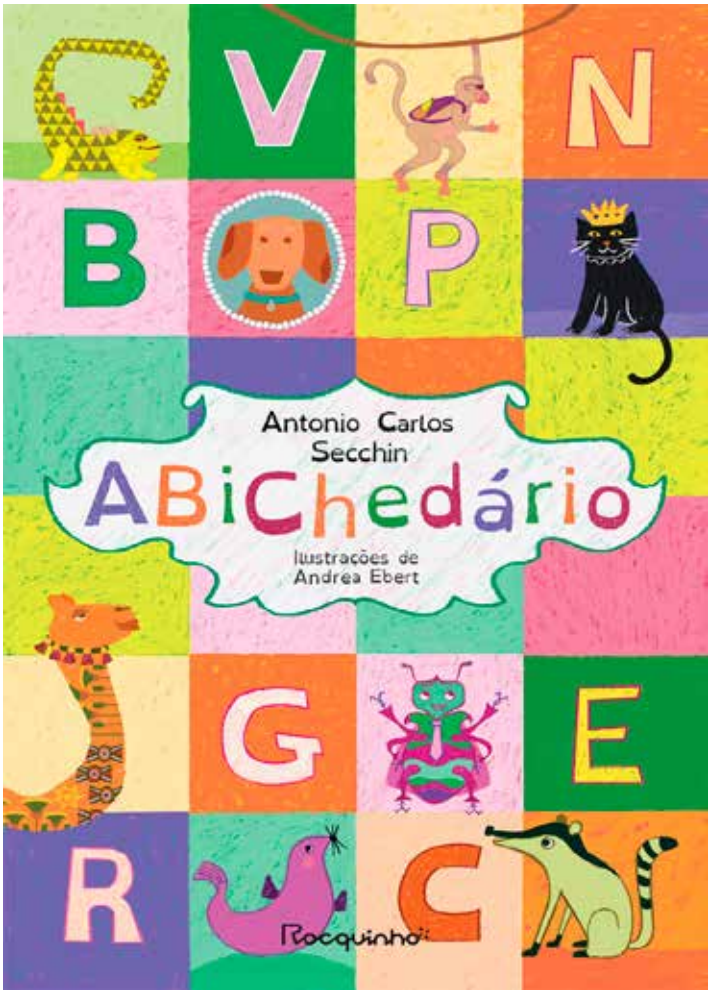
Propondo um letramento através da brincadeira e da descontração, Abichedário estabelece uma conexão entre a criança, o livro e o mundo ao seu redor. Com essa abordagem, o livro oferece uma alternativa criativa à alfabetização convencional das escolas, sendo um excelente material de apoio para pais e educadores

A obra garante que os primeiros passos no mundo literário sejam inesquecíveis e repletos de imaginação.

SOBRE O AUTOR

Antonio Carlos Secchin @antoniocarlossecchin já escreveu a história de um galo gago e agora visita, com muita poesia, dezenas de bichos espalhados pelas letras do alfabeto. Conhece quase todos, mas não gostaria de ficar perto de três deles – adivinha quais? É membro da Academia Brasileira de Letras e poeta – autor de Todos os ventos (2002), Desdizer (2017) e Desmentir (2026), entre muitos outros livros.

Andrea Ebert descobriu que tinha dislexia aos 30 anos e, por coincidência, começou a ilustrar na mesma época. Já ilustrou mais de 40 livros e, em Abichedário, se preocupou com alguns detalhes para tornar a leitura mais inclusiva e divertida. E ainda lança um desafio: descobrir qual foi o animal que ela desenhou, mas que não aparece no texto de Antonio Secchin. Uma dica: o nome dele, em tupi, significa "nariz pontudo".



SERVIÇO: Abichedário, Antonio Carlos Secchin , Ilustração: Andrea Ebert, 48 págs., R$ 69,90 Selo: Rocquinho @editorarocco

PREGADOR E EVANGELISTA CONTA SUA MUDANÇA DE VIDA NO LIVRO DE ESTREIA "DO OUTRO LADO DA JANELA DO MEU QUARTO"

Testemunho cristão narra a saída das bebidas, das drogas e das farras e a experiência de fé que deu nome à obra e será lançado em 2027

Com previsão de lançamento para o início de 2027, a obra, apresentada pelo pregador, escritor, jornalista e evangelista Ricardo Fernandes retrata um testemunho cristão de conteúdo autobiográfico sobre escolhas, esperança e recomeço. "Da janela do meu quarto, enxerguei a possibilidade de uma nova vida", é a partir dessa imagem que surge o livro.

Na obra que ainda será lançada, Ricardo reconstrói a trajetória de quem viveu entre bebidas, drogas e farras até a conversão ao cristianismo, marco central de sua história. O ponto de partida da narrativa é uma experiência que ele reconhece, pela fé, como um encontro com Deus: ao olhar pela janela do próprio quarto, relata ter visto Deus do outro lado.



O título ganha um sentido mais amplo ao longo do livro, para o autor, a janela representa o limite entre a vida que ele levava e a possibilidade de um novo caminho. De um lado, o passado. Do outro, a esperança de uma transformação pela fé. "A janela se torna um símbolo de abertura para o recomeço", resume o autor.

Um convite à reflexão

Ricardo explica que não apresenta sua história como uma fórmula para outras pessoas. A proposta é contar o que viveu e o significado que a fé em Jesus Cristo passou a ter em suas decisões, mostrando que o passado não precisa determinar todas as escolhas do futuro.

O livro é voltado a quem procura um novo caminho, a leitores de testemunhos cristãos e a quem busca fortalecer a própria fé, mas também quer dialogar com quem não é cristão e se interessa por histórias de transformação. A pergunta que o autor deixa ao final da leitura é: que escolhas posso fazer hoje para construir um novo caminho?

"Este primeiro livro representa a oportunidade de compartilhar meu testemunho. Minha história inclui bebidas, drogas e farras, mas também inclui a conversão ao cristianismo e uma mudança de vida. A experiência que vivi na janela do meu quarto está no centro dessa narrativa. Quero que o leitor conheça o significado desse encontro na minha fé e encontre, nas páginas, um convite à reflexão e à esperança.", declara Ricardo Fernandes.

Para quem atravessa um momento difícil, o autor deixa um recado: ninguém precisa enfrentar as dificuldades sozinho. "Converse com pessoas de confiança, procure apoio e não tenha vergonha de pedir ajuda", orienta, sempre com respeito à história e ao tempo de cada pessoa.

Flora Alves Assessoria @floraalvesassessoria

NOVIDADES DE NOVEMBRO DA LEYA

Lembra-me um Céu Aberto

Bernardo Mendonça
Oficina do Livro
Literatura Lusófona

Depois das 50 entrevistas que reuniu no volume homónimo do seu podcast A Beleza das Pequenas Coisas, Bernardo Mendonça surge aqui num registo completamente diferente, ao contar-nos histórias reais que mais parecem ter sido inventadas, assim se confirmando a ideia de que a realidade é sempre mais complexa e surpreendente do que a imaginamos.

O livro divide-se em duas partes, com duas temperaturas: Luz e Sombra. Já que cada vida tem os seus dias luminosos e os seus lados subterrâneos e lunares.

Bernardo Mendonça percorre geografias humanas distintas, à procura de mundos escondidos, personagens que nos escapam, ângulos que normalmente não vemos.

Há aqui histórias dramáticas, inverosímeis, por vezes até risíveis; outras nascem da banalidade aparente do quotidiano. Todas levantam perguntas que nos inquietam.

O olhar demora-se no pormenor, no inesperado, na poesia secreta que atravessa as vidas comuns.

As narrativas sucedem-se sem ordem rígida, num território a meio caminho entre a não-ficção literária e a crónica, entre o rigor do jornalismo e a liberdade da literatura. Nele, o autor é também, por vezes, personagem.

Bernardo Mendonça é jornalista, colabora com o semanário Expresso desde 2001, onde foi distinguido com o Prémio Media 2008, da rede ex aequo, e com o Prémio Media da Ilga, em 2021.

Em 2024, recebeu o Prémio «Os Direitos da Criança em Notícia» com o trabalho «A infância perdida no corredor do tribunal».

É autor do podcast «A Beleza das Pequenas Coisas», desde 2015, que aposta na diversidade de vozes e identidades, que deu origem a um livro com 50 das entrevistas mais marcantes.

Com este programa recebeu o prémio Melhor Podcast de Entrevistas e Melhor Podcast do Ano, em 2021, e Prémio Vozes 2026, no Festival Podes.

Participou em diversas rubricas de rádio na RDP e Oxigénio, e moderou inúmeros encontros.

Em 2022, conduziu o ciclo «Conversas à Lareira», com artistas residentes, no Campus Paulo Cunha e Silva, no Porto.

Foi coautor dos videocasts «Muito Mais do Que Sexo» e «Orgulho e Preconceito», assim como da rubrica «Vamos Falar de Sexo», no Jornal da Noite da SIC, que resultou num livro.

Foi também autor e apresentador do programa de televisão «Verdade ou Consequência», na SIC Notícias.



Uma Viagem ao Interior

Nuno Fazenda
Casa das Letras
Sociologia

50 testemunhos, 50 perspectivas sobre o interior do país. Com prefácio de António José Seguro.

"Uma excelente ideia. Quem somos, o que fazemos, porque o fazemos, o que nos move, o que amamos – teremos traços próprios, comuns a uma identidade? O que é, afinal, «ser do interior»?"

As perguntas que abrem o prefácio deste livro, assinado pelo Presidente da República, encontram resposta neste volume, organizado por Nuno Fazenda, que desafiou 50 pernalidades, das mais variadas áreas, a darem a sua visão sobre o que é viver no interior de Portugal.

Inclui depoimentos, entre outros, de Adolfo Mesquita Nunes, Afonso Cruz, Francisco Seixas da Costa, João Nabeiro, José Luís Peixoto, Luís de Matos, Margarida Gil, Pedro Silva Reis, Rui Horta e Sofia Craveiro.

O autor, na introdução que faz a este volume, explica-nos: "Hoje, cerca de 80% da população do continente vive no litoral, numa faixa até 50 quilómetros da costa, onde é produzida mais de 80% da riqueza nacional. Por outro lado, quase metade (47%) da população de Portugal continental reside nas áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto. Estes números confirmam uma realidade que continua a desafiar-nos: Portugal permanece marcado por profundas assimetrias territoriais.

Falar do Interior é, por isso, falar de uma das grandes questões estratégicas do país. Valorizar o Interior não significa fazê-lo contra o litoral. Significa defender um Portugal mais equilibrado, mais coeso e mais sustentável."

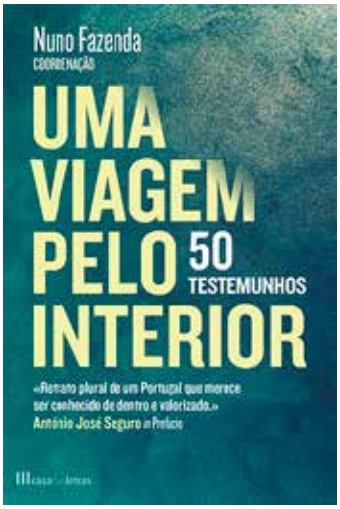
Nuno Fazenda, natural da Covilhã, é doutorado em Planeamento Regional e Urbano pelo Instituto Superior Técnico, mestre em Gestão e Políticas Ambientais pela Universidade de Aveiro e licenciado em Turismo pela Universidade do Algarve.

Com cerca de vinte anos de experiência profissional nas áreas dos fundos europeus, do turismo e do desenvolvimento regional, desempenhou funções de responsabilidade técnica e de decisão pública na Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte e foi diretor no Turismo de Portugal.

Há mais de uma década que é Professor na Universidade Católica Portuguesa.

Atualmente, é deputado à Assembleia da República, eleito pelo PS, pelo círculo de Castelo Branco, membro da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, presidente da Assembleia Intermunicipal da Comunidade Intermunicipal das Beiras e Serra da Estrela e deputado à Assembleia Municipal da Covilhã.

Foi Secretário de Estado do Turismo, Comércio e Serviços do XXIII Governo Constitucional.



O Homem da Vela
Nick Harkaway
Dom Quixote
Literatura Traduzida
Tradução de J. Teixeira de Aguilar

Um regresso ao fascinante mundo de sombras de John le Carré. Elegante, tenso e moralmente complexo, constitui uma extraordinária e oportuna continuação de um dos maiores legados de espionagem da literatura – e uma obra essencial da moderna ficção do género.

Corre o ano de 1965, e a Guerra Fria nunca foi tão fria. O Circus – o centro secreto dos serviços de informações britânicos – dispõe ainda de um ativo de grande valia em Moscovo: um oficial de alta patente do Exército Vermelho com acesso aos mais profundos segredos do inimigo. Quando, porém, um agente britânico é atingido a tiro em Helsínquia, George Smiley desmascara uma operação soviética que põe em risco esta fonte insubstituível.

A pista leva Smiley a Los Angeles, o lugar mais estranho que alguma vez conheceu, onde a sua némesis, o mestre espião conhecido apenas como Karla, poderá ter um discreto agente de longo prazo – um Homem da Vela – preparado para expor o operacional britânico em Moscovo. Perseguindo o traidor no coração dos serviços secretos norte-americanos, Smiley tem de se confrontar com as vincadas divisões internas da América no tocante a racismo, patriotismo e pertença ao tentar encontrar resposta para a crise atual nos segredos do passado.

Entretanto, Roy Bland, um audacioso espião do Circus em Leninegrado, arrisca tudo para revelar a ponta russa da operação e resgatar um elemento desertor cujo tempo se está a esgotar – e obter para Smiley a última peça do puzzle de Karla.

Nick Harkaway nasceu na Cornualha, em 1972.

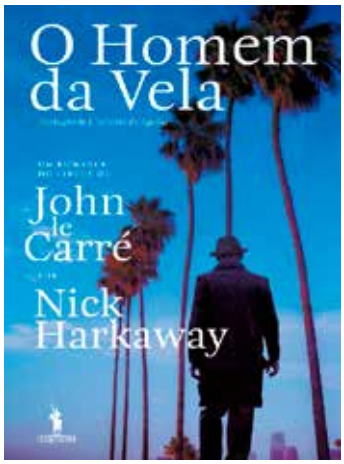
É autor de nove romances, entre os quais se contam The Gone-Away World, Angelmaker, Tigerman, Gnomon e Titanium Noir, bem como as histórias de George Smiley A Escolha de Karla e O Homem da Vela.

Harkaway, de seu nome verdadeiro Nicholas Cornwell, é o quarto filho de David Cornwell (que usava o pseudónimo John le Carré) e da sua segunda mulher, Jane Cornwell.

Em 2021, após a morte do pai, Harkaway assumiu o papel do escritor ao trazer a público o último romance inédito de le Carré, Silverview.

Disse na altura que o propósito do exercício residia em alcançar a maior invisibilidade possível.

Em 2022 foi chamado a executar o necessário trabalho final em Um Espião em Privado, uma coletânea das cartas do pai, na sequência da lamentável morte do irmão mais velho, Tim Cornwell, que estava a preparar a edição da obra.



NOVIDADES DE NOVEMBRO DA LEYA

Conspirações
Charlotte Greig e Mike Rothschild
Oficina do Livro História

Que ligações e interesses tem Trump no Irão? Quem envenenou o antigo agente do KGB Alexander Litvinenko? Como é que o corpo de um analista da agência de espionagem e segurança cibernética do governo britânico foi parar a um saco de desporto? O que aconteceu realmente a Jeffrey Epstein?

As teorias da conspiração nascem da ideia de que forças ocultas manobram nos bastidores para controlar um público inocente.

Se, antigamente, os principais suspeitos eram satanistas, bruxas ou anarquistas, atualmente é a CIA que carrega o peso das acusações, e o facto de ter estado comprovadamente envolvida em conspirações reais só alimenta essa desconfiança.

De teorias tão absurdas como a de que o mundo é secretamente governado por répteis a tragédias reais como o golpe e assassínio do presidente chileno Salvador Allende, este livro mergulha nos casos mais fascinantes de encobrimentos governamentais, sociedades secretas e mistérios por resolver. Dos fenómenos estranhos no CERN às reuniões do Grupo Bilderberg, Charlotte Greig e Mike Rothschild dissecam os factos com um olhar lúcido e crítico, revelando aquilo com que realmente nos devemos preocupar.

Charlotte Greig concluiu o mestrado em História Intelectual na Universidade de Sussex e começou a trabalhar como escritora e editora freelancer para várias revistas e jornais, incluindo a NME e o The Guardian.

Em 1989, escreveu o seu primeiro livro e, desde então, publicou mais quatro e colaborou em vários outros.

Para além de dar palestras e participar em programas de rádio e televisão, tornou-se reconhecida como especialista em História da Música Popular.

É também artista e vive em Cardiff, no País de Gales.

Mike Rothschild é um jornalista e autor norte-americano especializado em teorias da conspiração e crenças paranormais.

Reconhecido como uma das vozes de referência nesta área, é regularmente convidado a comentar o tema para publicações como o The New York Times, The Washington Post e CNN, entre muitos outros.

Colabora com regularidade com o The Daily Dot, participa com frequência em programas de rádio, podcasts e documentários, e já prestou depoimento perante o Congresso dos Estados Unidos sobre desinformação eleitoral.



Sempre Contigo
Vários autores
Dom Quixote

Uma antologia-caderno ideal, em formato de agenda, para planear todos os momentos do ano, na companhia de citações inspiradoras de vários autores de língua portuguesa.

Esta antologia é também um planificador intemporal, sem datas, podendo ser iniciado a qualquer altura. É ideal para planear todos os momentos do ano, na companhia de citações inspiradoras de vários autores, desde os clássicos até aos contemporâneos.

Mais do que um planificador, esta antologia pretende celebrar a riqueza da literatura portuguesa, mantendo-a perto dos leitores no dia a dia. É uma forma de se descobrir, ou redescobrir, o que de melhor se tem escrito em poesia e prosa na nossa língua. Com um design sóbrio e elegante, não perde a validade, tornando-se, assim, permanentemente actual.

Os autores:

Adolfo Casais Monteiro, Afonso de Melo, Afonso Reis Cabral, Alberto Caeiro, Alexandre Herculano, Alice Vieira, Almeida Garrett, Antero de Quental, António Nobre, Bernardim Ribeiro, Bernardo Soares, Bocage, Camilo Castelo Branco, Camilo Pessanha, Carla Louro, Cesário Verde, Cristina Almeida Serôdio, Eça de Queirós, Eduardo Pitta, Fernando Pessoa, Fernando Pinto do Amaral, Florbela Espanca, Francisco de Sá de Miranda, Gil Vicente, João de Deus, João de Melo, João Pinto Coelho, José Carlos Barros, Judith Teixeira, Júlio Dinis, Lídia Jorge, Luís de Camões, Luísa Costa Gomes, Luísa Sobral, Manuel Alegre, Marcello Duarte Mathias, Maria Teresa Horta, Mário Cláudio, Mário de SáCarneiro, Marquesa de Alorna, Miguel Torga, Nuno Duarte, Nuno Júdice, Paulo Moreiras, Pepetela, Raul Brandão, Ricardo Reis, Rita Ferro, Rodrigo Guedes de Carvalho, Sara Duarte Brandão, Teixeira de Pascoaes, Trindade Coelho.





LEIA! SE GOSTAR MANDE EM FRENTE.
SE GOSTAR MUITO CONSIDERE NOS AJUDAR.

Com sua ajuda financeira, poderemos financiar parte das nossas atividades e investir ainda mais na qualidade da revista.

Qualquer contribuição é bem-vinda.

USE A CHAVE PIX:

lacrezine@gmail.com

ESCRITORA E SOCIÓLOGA GOIANA CAROLINA SANTOS LANÇA “BOCAS MESTIÇAS” NA 16ª FLIPIRI, EM PIRENÓPOLIS

Vencedor do 2º Prêmio Tato Literário, livro reúne contos escritos ao longo de 12 anos sobre identidade, ancestralidade, desejo e resistência no Brasil contemporâneo.

A editora orlando apresenta na 16ª Flipiri (Festa Literária de Pirenópolis) o lançamento de Bocas Mestiças, da escritora e socióloga goiana Carolina Santos. Vencedor do 2º Prêmio Tato Literário na categoria Contos, o livro reúne narrativas interligadas que formam um mosaico sobre identidade, ancestralidade e resistência no Brasil. Com uma prosa que transita entre realismo, lirismo e elementos fantásticos, a obra coloca em cena personagens em conflito com as imposições de raça, gênero, classe e família. A autora lança a obra no dia 7 de novembro, sexta-feira, às 9h30, em sessão de autógrafo no Cine Pireneus (Rua Direita), no Centro Histórico de Pirenópolis, ao lado da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário.

O título já anuncia o que o leitor encontrará: “Bocas mestiças é para quem não tem medo de sujar as mãos de terra, de leite, de sangue e de prazer. É para quem sabe que a guerra nunca terminou. E que a poesia e a literatura, muitas vezes, são as únicas armas que nos restam”. Mulheres, crianças e corpos dissidentes ocupam o centro da cena não como vítimas, mas como forças vivas que dançam, gozam, resistem e reinventam o mundo em meio ao caos.

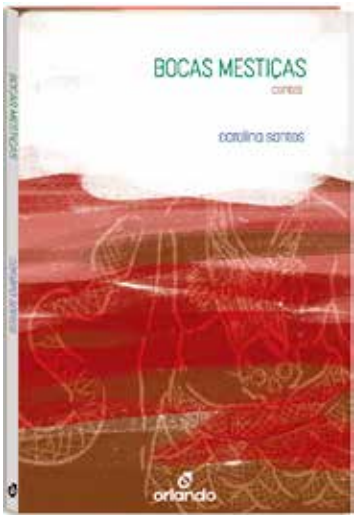
O percurso de escrita do livro é também uma travessia pessoal e política da autora. “A diferença entre eles é de 12 anos, 3 eleições presidenciais e 3 copas do mundo”, conta Carolina Santos, referindo-se ao intervalo entre o primeiro conto escrito, “Colar Essencial”, e o último, “Sem carne e em chamas”. “Eu comecei com a história de uma mulher jovem e solteira buscando sua revolução erótica e íntima, na defesa de uma solidão prazerosa e terminei com uma mulher que se vê empurrada de forma violenta e até mesmo trágica para uma revolução íntima e política”.

É nesse arco que o livro explora o que as feministas dos anos 1960 já anunciavam: o pessoal é político. A narrativa de abertura, que conduz o leitor das margens do rio Araguaia às periferias de Brasília, é um exemplo contundente dessa costura entre violência histórica e desejo de liberdade. Outros contos mergulham em Brasília como personagem — “cidade construída sobre a terra vermelha do Cerrado, promessa de futuro erguida sobre camadas de memória e violência” — e na boca como símbolo do lugar da palavra e do desejo, onde diferentes heranças se tornam mestiças.

“Bocas Mestiças é um livro sobre corpos em disputa”, resume a autora. “Os contos abordam ancestralidade, raça, gênero, desejo, erotismo, afetos, espiritualidade, memória e território”. Ao lado de narrativas sobre colonialismo, mestiçagem e desigualdades sociais, o livro dedica atenção especial ao erotismo feminino e aos modos pelos quais mulheres e corpos dissidentes reivindicam autonomia sobre seus desejos. “O prazer aparece não como tema secundário, mas como força política, espiritual e transformadora”.

A escrita de Carolina Santos bebe de fontes diversas: Jorge Amado, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Mia Couto, Conceição Evaristo, Gloria Anzaldúa e María Lugones estão entre suas principais referências. “Aprendi com eles que território, linguagem, memória e corpo podem ser inseparáveis”. As epígrafes do livro — um trecho de María Lugones sobre a mestiçagem e outro de Jorge Amado — já anunciam esse diálogo.

A obra também reflete a trajetória da autora, que entrelaça literatura e ativismo. Formada em Ciências Sociais pela UFG e mestre em Literatura Pós-Colonial e Estudos de Gênero pelas universidades de Bolonha e Granada, Carolina Santos atuou por anos na defesa dos direitos das mulheres “Sinto como se eu estivesse constantemente viajando entre-mundos”, diz sobre uma escrita atravessada pelo Cerrado, pela experiência da mestiçagem e pelo deslocamento entre diferentes geografias e linguagens.





Sobre a autora

Carolina Santos é escritora e socióloga goiana, radicada em Brasília. Mestre em Literatura Pós-Colonial e Estudos de Gênero pelas universidades de Bolonha e Granada, escreve sobre corpo, desejo, memória e ancestralidade. Sua ficção dialoga com os feminismos, a colonialidade e as paisagens do Cerrado brasileiro. É vencedora de prêmios como o Agente Jovem de Cultura (2011), Expressões Culturais Afro-Brasileiras (2012) e o Tato Literário (2025), e foi finalista do Prêmio Sesc de Literatura em 2014.

Sobre a orlando

A editora orlando, fundada pelos jornalistas Karol Lopes, Marcela Güther e Vincent Sesering (também sócios da agência de comunicação literária com.tato), nasceu para dar voz a escritores independentes com qualidade e profissionalismo. Com o lema “Histórias que desafiam o tempo”, oferece serviços completos de edição, revisão, design e divulgação, além de catálogos organizados em selos específicos: ziguezague (infantil), dobradura (poesia), espiral (ficção) e brecha (não ficção). Mais que publicar livros, aposta em estratégias de visibilidade para conectar autores e leitores. Saiba mais em editoraorlando.com.br e no Instagram @editoraorlando.

Lançamento na Flip: Bocas Mestiças, de Carolina Santos / 7 de novembro, horário: 9h30 / Onde: Cine Pireneus, Rua Direita, no Centro Histórico de Pirenópolis, ao lado da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, em Pirenópolis

Adquira no site da editora orlando: https://editoraorlando.com.br/produto/bocas-mesticas/

LEIA! SE GOSTAR MANDE EM FRENTE.
SE GOSTAR MUITO CONSIDERE NOS AJUDAR.

Com sua ajuda financeira, poderemos financiar parte das nossas atividades e investir ainda mais na qualidade da revista. Qualquer contribuição é bem-vinda.

USE A CHAVE PIX:
lacrezine@gmail.com

ISABEL CLEMENTE LANÇA SUA PRIMEIRA ANTOLOGIA DE CRÔNICAS E ENSAIOS SOBRE ESCRITA CRIATIVA

Em "Toda Escrita É Criativa", jornalista e escritora, reúne textos sobre a arte de escrever, com reflexões sobre estilo, clareza e expressão pessoal. A proposta é incentivar leitores a desenvolverem a própria voz, sem recorrer a fórmulas.



Todo texto, por melhor que seja, pode ser melhorado. E essa é a ambição de quem se dedica à escrita criativa: encontrar o tom de voz mais cativante, o caminho mais eloquente, a palavra mais certeira rumo a algo inexplicavelmente melhor. Primeira antologia de crônicas e ensaios da autora sobre o ofício da escrita, *Toda Escrita É Criativa* (Giacombelo), da escritora, jornalista e jornalista do Valor Econômico Isabel Clemente, @isabelclementeescritora reúne reflexões práticas, bem-humoradas e profundas sobre nossa habilidade de defender ideias e contar histórias por escrito.

Isabel Clemente participa de três sessões de autógrafos em novembro para apresentar seu novo livro. Os encontros acontecem em lojas da Livraria Travessa em São Paulo, no dia 9, no Rio de Janeiro, no dia 11, e em Brasília, no dia 17, sempre das 19h às 21h.

A coleção propõe que escrever bem não é uma habilidade restrita a profissionais, mas uma extensão da personalidade. "Escrever é o superpoder que você pode desenvolver para deixar sua marca no mundo", diz a autora. Com textos curtos e profundos que equivalem a verdadeiras aulas, a obra divide-se em três grandes capítulos: Histórias importam, Pesquisas apoiam e Memórias emocionam. Passeando por essas três frentes, Isabel mescla repertório de vida, ciência e reflexões para demonstrar como qualquer pessoa pode investir em um tom de voz próprio e transformar a comunicação em fonte de prazer.

O subtítulo "quase um guia" é também quase uma brincadeira. Não há aqui manuais de redação corporativa ou instruções de como escrever e-mails e relatórios. A proposta é muito mais instigante: incitar as pessoas a capricharem na clareza e na expressão em qualquer texto que escrevam. Justamente por não acreditar em fórmulas, a autora também provoca uma reflexão crítica sobre os critérios engessados e os "pendurucalhos" ensinados na redação do Enem.

Como resume o escritor e professor Flávio Carneiro na orelha do livro, a escrita de Isabel "vai caminhando na corda-bamba, sabendo do risco da queda e buscando o difícil equilíbrio" e se destaca por ser "clara e profunda, boa ouvinte e boa perguntadora, e ainda muito engraçada".

Jornalista formada pela PUC-Rio e mestre em Escrita Criativa pela Royal Holloway, University of London, Isabel é colunista do Valor Econômico. Acumula mais de 30 anos de experiência nas principais redações do país como repórter, editora, colunista e correspondente internacional. Tem quatro livros publicados no Brasil, entre eles A pior mãe do mundo: uma biografia não autorizada de todos nós e A mãe da lua e do vento. Finalista do Aesthetica Creative Writing 2022, tem contos publicados na Inglaterra. Isabel ministra oficinas de escrita para jornalistas e profissionais de diferentes áreas. Vive no Rio de Janeiro com o marido e as duas filhas.

O livro é publicado pela Giacombelo, editora independente que tem Isabel como sócia.

SERVIÇO

São Paulo/SP - Data: 9 de novembro - Horário: das 19h às 21h - Local: Livraria Travessa, Shopping Villa Lobos (Av. Dra. Ruth Cardoso, 4777 - Segundo Piso - Jardim Universidade Pinheiros, São Paulo - SP)
Rio de Janeiro/RJ - Data: 11 de novembro - Horário: das 19h às 21h - Local: Livraria Travessa de Botafogo (R. Voluntários da Pátria, 97 - Botafogo, Rio de Janeiro - RJ)

Brasília/DF - Data: 17 de novembro - Horário: das 19h às 21h - Local: Livraria Travessa do CasaPark (SGCV SUL Lote 22 - 4A Casa Park Shopping, St. Park Sul, Brasília - DF)

FICHA TÉCNICA: Toda Escrita É Criativa, quase um guia para inspirar você a escrever melhor, Isabel Clemente / Editora: Giacombelo (Rio de Janeiro) / Lançamento: 2026 / Páginas: 220 / Venda: a partir do dia 9 de novembro, na Amazon, em plataformas digitais e livrarias físicas.



ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS PROMOVE PALESTRA E LANÇAMENTO DE LIVRO SOBRE ELVIRA KOMEL E O FEMINISMO

Com a historiadora Maria Marta Araújo, encontro apresenta a trajetória de uma das principais lideranças feministas de Minas Gerais entre 1928 e 1932; evento será em 10 de novembro

A Academia Mineira de Letras @amletras realiza, no dia 10 de novembro, às 19h30, a palestra "A mulher e a política: Elvira Komel, a República e o feminismo", com a historiadora Maria Marta Araújo. O encontro será acompanhado do lançamento do livro Memória Política de Minas Gerais: Elvira Komel e o feminismo, publicado pela Fundação João Pinheiro, por meio da Coleção Mineiriana. O evento é gratuito e aberto ao público, além de contar com acessibilidade em Libras.

A obra reúne ampla documentação sobre a trajetória de Elvira Komel (1906-1932), advogada mineira que se destacou como uma das principais lideranças do movimento feminista no estado entre 1928 e 1932, alcançando projeção nacional. Em um contexto marcado por valores patriarcais e conservadores, Elvira defendeu o direito das mulheres ao voto, à educação, à participação na vida pública e à independência econômica. Além de publicar artigos na imprensa de Belo Horizonte, conseguiu seu alistamento eleitoral em 1928 e, no ano seguinte, exerceu o direito ao voto na eleição para o Conselho Deliberativo da capital, sendo possivelmente a primeira mulher a votar em Minas Gerais.

Sua atuação também ultrapassou as reivindicações pelo sufrágio feminino. Em outubro de 1930, Elvira aderiu ao movimento revolucionário e liderou o Batalhão Feminino João Pessoa, que chegou a reunir aproximadamente 8 mil mulheres em diferentes municípios mineiros. O grupo atuava na confecção de uniformes, na enfermagem e na assistência às famílias dos combatentes. Com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, a liderança de Elvira no movimento feminista mineiro se fortaleceu. Em junho de 1931, ela organizou o 1º Congresso Feminino Mineiro, iniciativa inédita que reuniu uma pauta abrangente em torno dos direitos políticos e sociais das mulheres.

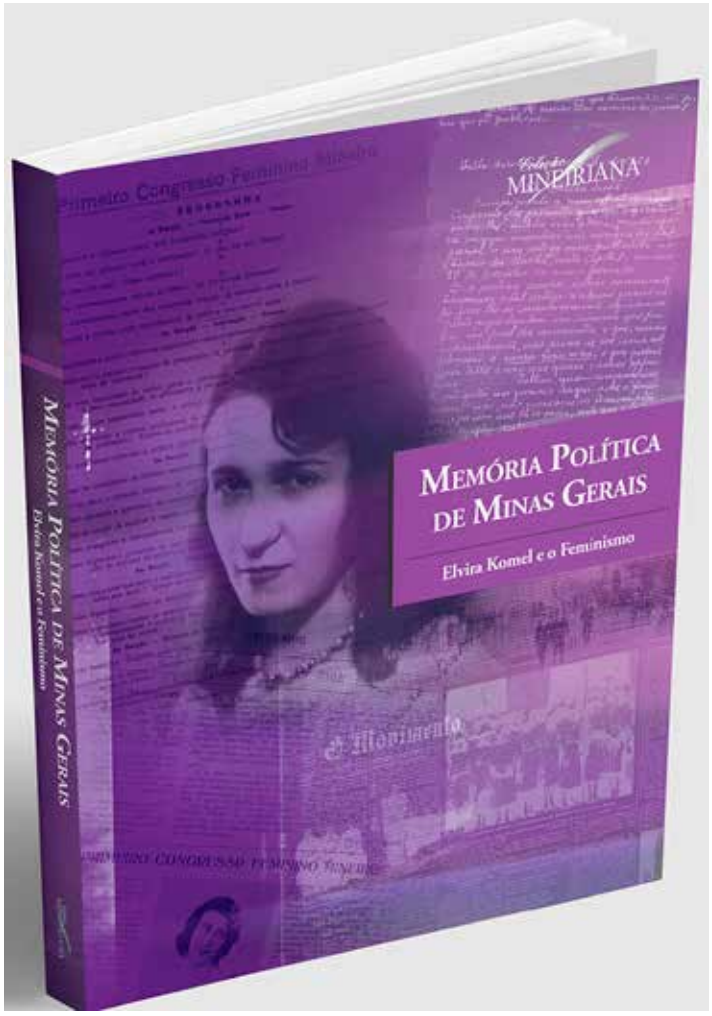
A morte precoce, em 1932, representou um duro golpe para o movimento feminista em Minas Gerais, que perdeu uma de suas principais articuladoras. O livro Memória Política de Minas Gerais: Elvira Komel e o feminismo recupera essa trajetória e reúne documentos e análises que contribuem para ampliar o conhecimento sobre a história do feminismo no estado e no país. A publicação também propõe uma reflexão sobre a participação feminina na política e sua importância para a conquista de direitos, liberdade e autonomia.

Para Maria Marta Araújo, conhecer as experiências históricas e as protagonistas das lutas feministas é fundamental para compreender os desafios contemporâneos. "O conhecimento histórico sobre o feminismo no Brasil e em Minas Gerais, com o olhar atento e aprofundado sobre as experiências e suas protagonistas - cujas estratégias e percepções em torno da luta política variaram ao longo do tempo e das inflexões das conjunturas -, é fundamental para o debate contemporâneo sobre o tema. E, mais ainda, para que se compreenda que a perspectiva de gênero é essencial para que a política seja fator de emancipação, de garantia de direitos que interessam à sociedade como um todo e aos indivíduos de modo geral", afirma a historiadora.

O evento acontece no âmbito dos projetos "Academia Mineira de Letras Manutenção e Funcionamento 2026 (CA 2024.3810.0027)", incluído na Lei Estadual de Incentivo à Cultura e "Plano Anual Academia Mineira de Letras – AML (PRONAC 256536)", previsto na Lei Federal de Incentivo à Cultura. O evento tem o patrocínio da CEMIG, a energia da cultura, e do Instituto Unimed-BH – por meio do incentivo fiscal de mais de cinco mil e novecentos médicos cooperados e colaboradores. O evento tem apoio da Minasmáquinas.

SOBRE A PALESTRANTE

Maria Marta Araújo é graduada em História pela UFMG, doutora em História pela Universidade Federal Fluminense e pós doutora pelo Cedeplar da UFMG, dedicando-se, em especial, à história política de Minas Gerais nos séculos XIX e XX, com várias obras publicadas. Pesquisadora da Fundação João Pinheiro, coordena o programa de pesquisa história e edição Coleção Mineiriana, amplamente reconhecido nos meios acadêmicos e culturais de Minas e do país.



INSTITUTO UNIMED-BH

O Instituto Unimed-BH completa 23 anos em 2026. A associação sem fins lucrativos foi criada em 2003 e, desde então, desenvolve projetos socioculturais e socioambientais visando à formação da cidadania, estimulando o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas, fomentando a economia criativa, gerando trabalho e renda para diversas famílias, valorizando espaços públicos e o meio ambiente, através de projetos patrocinados, apoiados e realizados em cinco linhas de atuação: Comunidade, Voluntariado, Meio Ambiente, Adoção de Espaços Públicos e Cultura, que estão alinhados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030.

Acesse www.institutounimedbh.com.br e saiba mais.

CEMIG A Cemig segue ampliando o incentivo ao setor cultural de Minas Gerais, patrocinando diferentes expressões artísticas em todas as regiões do estado. Democratizar, descentralizar e ampliar o acesso às práticas culturais é um compromisso da companhia com a arte mineira. Ao incentivar a cultura, a Cemig fortalece a tradição, a memória e as raízes, sem deixar de ter a inovação e a tecnologia como aliadas. Estar ao lado da cultura de Minas Gerais é contribuir para a valorização da identidade, para o desenvolvimento do estado, para a movimentação da economia criativa e para a geração de emprego e renda.

34ª EDIÇÃO DO FESTIVAL MIXBRASIL APRESENTA 138 FILMES DE 30 PAÍSES, SÉRIES, TEATRO, LITERATURA, GAMES, SHOW DO GONGO, QUEER.IA E O MIXLAB SPCINE

***** Com o tema "Todos os Futuros Possíveis," evento acontece de 11 a 21 de novembro em 14 espaços da capital paulista**

*****Première nacional de "Eu Vou Ter Saudades de Você", dirigido por Daniel Ribeiro, abre o Festival**

*****Prêmio Ícone Mix homenageia João Silvério Trevisan, escritor, cineasta, dramaturgo e ativista dos direitos humanos com versão cinematográfica de uma de suas obras realizada com IA**



Com o tema "Todos os Futuros Possíveis", que aponta para transformações, misturas, rompimento de padrões e abertura de espaço para novas possibilidades, o 34º Festival MixBrasil, um dos maiores eventos culturais LGBTQIA+ da América Latina, acontece de 11 a 22 de novembro, em 14 espaços culturais de São Paulo e três plataformas digitais.

Sob a direção geral de André Fischer e a direção de programação de cinema de Marcio Miranda Perez, o MixBrasil reúne 138 filmes e duas séries, provenientes de 30 países e 12 estados brasileiros, além de teatro, literatura, games, festas, performances e o tradicional Show do Gongo. A programação inclui ainda a mostra Queer.IA e as atividades de mercado e indústria do MixLab Spcine. "Recebemos inscrições de quase mil filmes, sendo 690 brasileiros, dos quais 93 longas e médias-metragens, um recorde na história do festival", destacam os diretores.

Abertura e Ícone Mix

O 34º Festival MixBrasil abre em 11 de novembro, para convidados, com entrega do Prêmio Ícone Mix a João Silvério Trevisan, escritor, cineasta, dramaturgo e ativista dos direitos humanos, reconhecido por sua contribuição à cultura brasileira e à história do movimento LGBTQIA+, e a première nacional de "Eu Vou Ter Saudades de Você", longa brasileiro com elenco 100% trans dirigido por Daniel Ribeiro.

O filme acompanha Amanda e Caio, um casal trans que compartilha há sete anos amor e sonhos. Quando decidem morar juntos, porém, as diferenças entre os dois começam a pesar. Enquanto Caio, romântico e sonhador, busca estabilidade na rádio onde trabalha, Amanda, ambiciosa e pragmática, concentra-se na carreira jurídica recém-iniciada.

A homenagem a João Silvério Trevisan celebra uma trajetória profundamente ligada à história e aos valores do MixBrasil. Sua relação com o festival tem mais de 30 anos: em 1995, o evento exibiu pela primeira vez em público "Orgia ou o Homem que Deu Cria" (1970), filme censurado pela ditadura militar e marco do cinema queer brasileiro. Desde a criação do Mix Literário, o festival também destaca sua produção e contribuição à literatura e à cultura brasileiras, consolidando seu legado na defesa dos direitos humanos e da diversidade.

Audiovisual

A seleção de longas-metragens do Panorama Internacional do 34º Festival MixBrasil reúne filmes de cineastas que passaram por alguns dos principais festivais do mundo, como Cannes, Berlim, Sundance, Tribeca, San Sebastián, Locarno e Veneza, além de inúmeros títulos do circuito independente. Entre os destaques estão o espanhol "A Bola Preta", de Javier Calvo e Javier Ambrossi, apontado como um dos favoritos ao Oscar de Melhor Filme Internacional de 2027 e com primeira exibição em São Paulo; o americano "Barbara Forever", de Brydie O'Connor, vencedor do Prêmio Teddy de Melhor Documentário no Festival de Berlim; e o belga "Covarde", de Lukas Dhont, cujos dois protagonistas receberam o prêmio de Melhor Ator no Festival de Cannes.

A programação traz ainda o australiano "Leviticus: Ritual de Sangue", de Adrian Chiarella, eleito melhor filme de estreia no Frameline, em São Francisco; a animação queer francesa "Jim Queen", que estreia no MixBrasil a sua versão dublada em português, com vozes de Leonardo Miggiorin e o cantor Johnny Hooker. Também integram a seleção, com estreia brasileira no festival, o americano "Algo Que Você Deveria Saber Sobre Mim", de Andy Fidoten, exibido em Tribeca e com produção executiva de Lilly Wachowski (Matrix e Sense8), e o francês "Parada Noturna", de Pierre Le Gall, Queer Palm Revelação no Festival de Cannes.

A Mostra Competitiva Brasil de Longas do 34º Festival MixBrasil reafirma a potência do cinema queer brasileiro com títulos que vêm se destacando em importantes festivais nacionais e internacionais. A seleção inclui "A Margem do Rio", de Enock de Carvalho e Matheus Farias, vencedor do Prêmio Especial do Júri em Locarno; "A Professora de Francês", de Ricardo Alves Jr., selecionado para o Festival de San Sebastián; "As Aparências Enganam", de Sabrina Greve e Luciano Patrick, que faz sua première mundial no MixBrasil; "Eu Vou Ter Saudades de Você", de Daniel Ribeiro, integrante da seleção oficial do BFI Flare; e "London", de Victor Di Marco e Márcio Picoli, vencedor do Queer Lion no Festival de Veneza.

Completam a competição "Não Estamos Sonhando", de Ulisses Arthur, eleito melhor longa da Mostra Novos Rumos do Festival do Rio; "Olhe para Mim", de Rafhael Barbosa, premiado pela direção no Olhar de Cinema, em Curitiba; "Pequenas Tragédias", de Daniel Nolasco, que teve direção, montagem e atuações premiadas no Festival de Brasília; "Privadas de Suas Vidas", de Gustavo Vinagre e Gurcius Gewdner, eleito melhor filme da mostra Compétition AQCC no Fantasia, no Canadá; e "Sabes de Mim, Agora Esqueça", de Denise Vieira, premiado como melhor filme de estreia no FID Marseille.

Já a Mostra Competitiva Brasil de Curtas reúne 16 filmes que percorrem o Brasil revelando as tendências do cinema LGBTQIA+ contempo-



...continuação da página anterior....

râneo, com destaque para o envelhecimento e a descoberta de novas possibilidades de afeto, desejo e liberdade em diferentes fases da vida. Entre os destaques estão “Morfeu & Caronte”, de Luiz Ulian e Jocimar Dias Jr., eleito melhor curta de ficção no Frameline, em São Francisco; “Santo”, de Maria Luísa Alves, Troféu Redentor de melhor curta no Festival do Rio; e “Mulher Papaya”, de Camila Tarifa, escolhido como melhor roteiro e melhor filme pelo Júri da Crítica em Gramado. A seleção conta também com as estreias mundiais de “Sandra Roque”, de Mayara Santana, com Bruna Linzmeyer no elenco, e “Romântica”, de Leonardo Amorim.

Na mostra experimental Reframe, oito longas, médias e curtas concorrem juntos ao Coelho de Prata de Melhor Contribuição Artística: “A Paixão Segundo G.H.B.”, de Gustavo Vinagre e Viva Couto; “Aquiles era um Twink”, de Henrique Domingues; “As Florestas da Noite”, de Priscyla Bettim e Renato Coelho; “Augusta 2049: Uma Rua Chamada Pecado”, de Alfredo Suppia, Felipe Abramovictz e Marcos Bertoni ; “Descarrilho”, de Aline Gutierres; “O Evangelho Segundo Lilith”, de Marce Spillere; “Pirexia”, de Nico da Costa; e “Trivakra”, de Sofia Angst. Já o Queer.Doc, mostra de documentários do MixBrasil que pela primeira vez se torna competitiva, inclui “Darcy Faz 100 Anos”, de Lufe Steffen, e “Erōtikós”, ambos com estreia mundial no festival; “Afrontosa”, de Coraci Ruiz e Julio Matos; “Patricio Bisso”, de Raúl Emiliano González; “Ney Por Trás das Máscaras”, de Esmir Filho; “O Gesto Entre Nós”, de Roberto Bomtempo; e “Rita Moreira: Crônicas, Memórias e Videotape”, de Sérgio Santos Barroso. Os filmes nacionais concorrem junto com os longas documentais do Panorama Internacional ao Coelho de Prata de melhor documentário do MixBrasil.

Em 2026, o Mundo Mix, seção do Festival MixBrasil dedicada à produção audiovisual queer/LGBTQIA+ de diferentes países e regiões, tem a Alemanha como foco, marcando os 75 anos das relações entre Brasil e Alemanha e do Goethe-Institut, a programação conta com uma retrospectiva com sete filmes do cineasta Rosa von Praunheim, pioneiro do cinema queer, entre outras atividades.





A programação audiovisual inclui ainda as seções Pop Mix, um recorte de filmes leves e divertidos que terá, entre outros títulos, a estreia mundial de “Alice Júnior Férias de Verão”, de Gil Baroni; Séries Mix, destacando as séries sáficas “Amora”, de Juliana Rojas, e “Não Costumo Me Apaixonar por Telefone”, de Eve Consendey; e a mostra Curtas MixBrasil, que traz diversos programas temáticos como “Queer Futurismo Brasil”, “Juventudes Corsárias”, “Lesborama” e “Tudo Sobre Minha Mãe, Meu Irmão, Minha Filha...” e inclui títulos nacionais como “América”, de Aly Muritiba e “Futuro Decadance”, de Leviathan, e curtas estrangeiros celebrados como o italiano “A Moto”, de Matteo Giampetruzzi, selecionado para a Semana Internacional da Crítica de Veneza, e “Tremores”, de Louise Chauvet, selecionado para Viena, Chéries-Chéris e Clermont-Ferrand.

Queer.IA

A sessão Queer.IA abre espaço para o audiovisual queer feito com inteligência artificial generativa. Em 2026, a seleção reúne três propostas que olham para essa tecnologia de ângulos distintos. “Corpos e Códigos” é a mostra que reúne 10 curtas em competição; “O Onanista” revisita o conto de João Silvério Trevisan, combinando IA generativa e imagens gravadas e “Enquanto Dure” mostra uma instalação generativa em que as imagens da comunidade queer local entram, envelhecem e desaparecem, demandando presença constante.



11º MixLab Spcine

Em sua 11ª edição, a maior de sua história, o MixLab Spcine realiza cinco dias de atividades gratuitas voltadas à formação e ao mercado audiovisual. A programação reúne o +MALA, novo mercado audiovisual latino-americano LGBTQIA+, e o Fucking Different: Generations, que aborda as diferenças e os diálogos entre as gerações da comunidade LGBTQIA+, além de atividades sobre a produção de novelinhas verticais e o uso da inteligência artificial e dos efeitos visuais na narrativa cinematográfica.

Mix.XR

O Mix.XR, premiado em 2025 pela WSA Brasil (World Summit Awards, iniciativa ligada à ONU de inovação digital), apresenta seis experiências em realidade virtual (VR) vindos da Irlanda, Portugal, Taiwan Alemanha e França. Entre os destaques estão “No Vapor”, dentro de uma surreal sauna gay, onde os limites da XR em tempo real e da narrativa transforma o VR360 em uma experiência multiusuário com 6 graus de liberdade, e “Gonzo Lolita”, uma experiência não narrativa que convida o espectador a contemplar imagens com o corpo inteiro, percorrendo o templo da pornografia.

Dramatica e Show do Gongo

O Dramatica, seção cênica do festival desde 1999, traz oito projetos entre adaptações literárias, resultados da 7ª Ocupação IBT e projetos convidados. As apresentações acontecem na BMA e no iBT, com apoio do Instituto Goethe. São eles: “O Onanista – Ensaio Aberto De-

...continuação da página anterior....

generativo", "Da Próxima Vez, o Fogo," "Cloro", "O Projeto", " Atestado de Órbita", "Diabo na Calçada", "Tango Queer com Mariana Docampo: Memória, Manifesto" e "Movimento - A Experiência, Salivar os Nós do Corpo — Uma prática afro-transtopica".

O Show do Gongo é um dos momentos mais aguardados e emblemáticos do Festival MixBrasil. O evento, que sempre contou com o comando de Marisa Orth, recebe cineastas profissionais e amadores que têm o desprendimento de submeter seus trabalhos de até cinco minutos, colocando à prova talento e criatividade. O júri, capitaneado por Silvetty Montilla, escolhe quem sobrevive à fúria do público e do gongo. Neste ano, com Marisa em turnê por Portugal, o comando do gongo fica com Suzy Brasil. O evento acontece no dia 17/11 na sala Adoniran Barbosa do Centro Cultural São Paulo.

Mix Games

Ainda na programação acontece o Queering the Game – Imersão Mix Games, um workshop intensivo de 3 dias desenvolvido especialmente para o Festival MixBrasil. Criada por Isabelle Arvers e Livia Diniz, a oficina propõe investigar como os videogames constroem normas de gênero, estruturas narrativas e sistemas de poder — e como essas estruturas podem ser hackeadas, reescritas e queerizadas.



Mix Literário

O Mix Literário apresenta o projeto do documentário "Além do Carnaval", a partir da obra de James N. Green, e a entrega dos prêmios Mix Literario e Caio Fernando Abreu. A programação de mesas e debates acontecerá nos dias 15 e 16 de dezembro.

Onde Acontece

O Festival acontece no CineSesc, Centro Cultural São Paulo (CCSP), Instituto Moreira Salles (IMS Paulista), Museu da Imagem e do Som (MIS), Espaço Petrobras de Cinema, Cine Satyros Bijou, Cine na Praça, Instituto Cervantes, Museu da Diversidade Sexual, Biblioteca Mário de Andrade, Complexo Cultural Oswald de Andrade, Galeria Vermelho e IBT- Instituto Brasileiro de Teatro . O evento também pode ser conferido online para todo o Brasil nas plataformas do Sesc Digital, Spcine Play e Itaú Cultural Play.

A 34ª edição MixBrasil é uma realização da Associação Cultural Mix Brasil, conta com a iniciativa da Lei de Incentivo à Cultura, e patrocínio da Bayer e Spcine , e com o apoio cultural do SescSP e Fundação Itaú e parceria com a Talent — responsável pela campanha "Todos os Futuros Possíveis", Instituto Moreira Salles Apoio institucional: Goethe-Institut São paulo, Consulado da Alemanha, Instituto Cervantes, Embaixada da Espanha, Museu da Imagem e do Som, Centro Cultural São Paulo, Stone Milk, Mistika e DOT. Promoção: Canal Brasil e Gazeta.

Toda a programação do 34º Festival MixBrasil de Cultura da Diversidade pode ser conferida no site: mixbrasil.org.br e instagram @festivalmixbrasil

Serviço: 34° Festival MixBrasil de Cultura da Diversidade / 11 a 22 de novembro de Novembro de 2026 / Valores: Gratuito. No Espaço Petrobras de Cinema, Cine Satyros Bijou e Show do Gongo R$20 / Para mais informações de valores e horários consulte a bilheteria de cada espaço. / Programação online: Sesc Digital, Spcine Play e Itaú Cultural Play / Instagram: @festivalmixbrasil / Facebook: Festival MixBrasil / Threads: festivalmixbrasil / TikTok: mixbrasil

...vai que seja utilidade pública....





“CANSEI DE SER BELO”, COMÉDIA INÉDITA DE EMÍLIO BOECHAT, EXPLORA COM HUMOR O LADO RIDÍCULO DA VAIDADE





Com direção de Kleber Montanheiro, a peça conta a história de um galã de novela que acha que sofre preconceito por ser bonito demais e decide ficar feio para ser levado a sério

A jornada cômica de um ator “bonito demais” para ser levado a sério é ponto de partida de Cansei de Ser Belo, novo texto de Emílio Boechat, com direção de Kleber Montanheiro e com os atores Fernando Pavão, Erica Montanheiro, Wilson de Santos e Marcelo Goes no elenco. A comédia é produzida por Boechat e Marilia Toledo.

O espetáculo tem sua temporada de estreia de 3 de outubro a 22 de novembro, no Teatro YouTube (na Galeria Magalu), com apresentações às sextas e aos sábados, às 20h, e aos domingos, às 18h.

O autor Emílio Boechat conta que teve a ideia para escrever o texto depois de assistir à leitura de uma peça que tinha como protagonista um galã bem conhecido das novelas. “Pensei: por que esse homem tão bonito e bem sucedido ainda se dá ao trabalho de fazer teatro? Foi então que eu lembrei que, segundo o filósofo Henri Bergson, a vaidade é o ‘vício cômico’ mais engraçado. A partir disso decidi escrever sobre a vaidade de uma perspectiva diferente”, revela.

A trama acompanha a jornada de Rodrigo Contreiras (Fernando Pavão), o homem que todo brasileiro conhece, o galã absoluto das novelas, um rostinho que as marcas exploram para vender qualquer tipo de produto. Mas, por trás do sorriso de porcelana, ferve uma crise existencial: cansado de ser apenas um “corpo sarado com milhões de seguidores”, ele decide destruir sua imagem de perfeição para ser levado a sério pela crítica especializada. Ele escolhe fazer uma peça de teatro por um motivo prático: é mais rápido de produzir do que um filme ou uma série.

Sua jornada cômica, a busca obsessiva pelo “prêmio de melhor ator”, se converte em uma descida voluntária ao que, para ele, é o submundo: o teatro alternativo e experimental.

Boechat esclarece que a peça não diminui, de forma alguma, o teatro alternativo. “Nossa crítica é voltada às pessoas que buscam o reconhecimento a qualquer preço, que têm uma visão distorcida de quem são e tratam esse teatro experimental como algo menor, que dá trabalho pra quem ‘não é bonito o suficiente pra fazer televisão’”, comenta.



Para a atriz Erica Montanheiro, o humor da peça surge em boa parte do flerte com o absurdo. “O texto cria situações limítrofes nas quais, dificilmente, alguém iria se colocar. Essas situações criam constrangimento e, ao mesmo tempo, um olhar debochado sobre o ‘ser artista’. E é, através desse deboche, que as fragilidades do fazer artístico são expostas. Em um país como o Brasil - que não valoriza os trabalhadores da cultura - cada vez mais os próprios artistas são responsáveis por criar situações para vender sua imagem”, diz.

Sobre seu personagem, o ator Fernando Pavão acrescenta: “Acho que o texto acerta a mão em cheio ao espelhar esse Rodrigo, um ator que precisa desesperadamente de visibilidade e reconhecimento com o tempo em que vivemos hoje, em que muita gente busca isso via o mundo fantástico das redes sociais. Uma comédia deliciosa onde o universo dos atores e seus exageros é primorosamente retratado”.

Já a encenação, de acordo com o diretor Kleber Montanheiro, tem como ponto de partida essa “ideia do jogo cênico da comédia, que é muito característico do Emílio, e caminhar por um lugar um pouco mais surrealista, no sentido do exagero, de criar um espelhamento da sociedade através dessa amplitude”.

Por fim, sobre a cenografia e figurino, Montanheiro diz que a ideia é trabalhar com a simplicidade. “Queremos que a cenografia seja muito simples, mas muito mutante, que tenha elementos que se transformam. Então, eles se transformam numa sala, num escritório, num camarim, quase como um grande contêiner que vai abrindo e dando origem a diferentes espaços físicos. E isso remete um pouco a essa velocidade das redes sociais, quase como uma tela de celular”, comenta.

Sobre Emílio Boechat

Emilio Boechat @emilioboechat.escritor tem 35 anos de carreira escrevendo para rádio, teatro, cinema, TV e plataformas de streaming. Junto com Marilia Toledo ganhou o Prêmio Bibi Ferreira de Melhor Dramaturgia Original em Musicais (2023) por Ney Matogrosso - Homem com H. Já foi indicado aos prêmios Destaque Imprensa Digital (2023 e 2022), Rio Web Fest (2021), Troféu Mambembe (1998) e APETESP (1991). Ao lado dela, escreveu também os musicais Uma Noite na Broadway, Silvio Santos Vem Aí e Os Dez Mandamentos.

É autor das comédias Camila Backer Lives in concert, Eu era tudo pra ela e ela me deixou; do longa-metragem Barraco de Família e da série A Secretária do Presidente (Multishow/ Mixer). É co-produtor e head-writer da série Camila Baker, premiada pela Lei Paulo Gustavo em 2023.

Com Miguel Falabella e Rosana Hermann escreveu a minissérie O Som e a Sílaba e a 2a temporada

...continuação da página anterior....

de O Coro - sucesso aqui vou eu (Disney +) ainda inédita.

Foi head-writer da segunda temporada da série Na Fama, Na Lama (Multishow). Escreveu com Ingrid Guimarães por três anos os roteiros do programa Mulheres Possíveis (GNT). De 2005 a 2020 foi roteirista da Record TV, onde escreveu novelas e minisséries como Bela a Feia, Rebelde e Os Dez Mandamentos.

Sobre Kleber Montanheiro

Multiartista com 30 anos de carreira, Kleber Montanheiro @kleber_montanheiro é diretor cênico, cenógrafo, figurinista e artista visual em expografia. Indicado a mais de 25 prêmios (FEMSA, APCA, Shell, Prêmio Bibi Ferreira e Prêmio DID - Destaque Imprensa Digital) em diversas categorias, foi contemplado pela maioria delas.

Destacam-se em sua direção espetáculos como Ópera do Malandro, de Chico Buarque de Holanda; Carmen, a Grande Pequena Notável, de Heloísa Seixas e Júlia Romeu; Nossos Ossos, do livro homônimo de Marcelino Freire e Tatuagem, um musical adaptado do filme de Hilton Lacerda, da qual recebeu diversas indicações ao prêmio Bibi Ferreira e venceu o prêmio APCA como melhor diretor.

Por Carmen, a Grande Pequena Notável, recebeu o Prêmio São Paulo de melhor figurino. Dirigiu, concebeu, criou cenografia e figurinos do musical da Broadway Cabaret, de John Kander e Fred Ebb, que cumpriu temporada no 033 Rooftop, do Teatro Santander - SP recebendo os prêmios Bibi Ferreira de melhor direção e melhor figurino.

Em 2025 dirigiu e concebeu o musical brasileiro original João, indicado a melhor direção nos prêmios Bibi Ferreira, DID e APCA. Em Gal - o musical, assina a direção e o figurino.

Ficha Técnica Texto: Emilio Boechat Direção, cenário e figurino: Kleber Montanheiro Elenco: Fernando Pavão, Erica Montanheiro, Wilson de Santos e Marcelo Goes Direção de Produção: Marilia Toledo e Emilio Boechat Fotos: Kiko Ferrite

Sinopse Rodrigo Contreiras é um ator que todo brasileiro conhece, um galã absoluto das novelas, um rostinho que as marcas exploram para vender qualquer tipo de produto. Mas, por trás do sorriso de porcelana, ferve uma crise existencial: cansado de ser apenas um "corpo sarado com milhões de seguidores", ele decide destruir sua imagem de perfeição para ser levado a sério pela elite intelectual.

Serviço: Cansei de Ser Belo, de Emílio Boechat / Até 22 de novembro de 2026 / Sextas e sábados, às 20h, e aos domingos, às 18h / **Teatro YouTube (Galeria Magalu - Conjunto Nacional)** - Av. Paulista, 2073, São Paulo / Vendas online: https://www.eventim.com.br/event/cansei-de-ser-belo-teatro-youtube-22035387/ / Classificação: 12 anos / Duração: 70 minutos.

"O PROJETO" NOS CINEMAS DURANTE O MÊS DA CONSCIÊNCIA NEGRA



Escrito e dirigido por Sabrina Fidalgo e Yvan Rodic, documentário estreia em 19 de novembro, após passar pelo Festival de Cinema de Gramado, pelo encontro de cinema negro Zózimo Bulbul e pela 50ª Mostra Internacional de Cinema em São Paulo. O filme também integra a programação do Cine Ceará 2026.

"O Projeto", dirigido pela cineasta Sabrina Fidalgo e pelo fotógrafo suíço Yvan Rodic, conhecido internacionalmente como FaceHunter, estreia nos cinemas brasileiros em 19 de novembro, durante o mês da Consciência Negra. A chegada do longa-metragem às salas de cinema amplia o debate sobre representatividade e diversidade de narrativas negras.

Antes de chegar ao circuito comercial, o documentário também integra a programação do 36º Cine Ceará – Festival Ibero-Americano de Cinema, dando continuidade à sua trajetória por importantes eventos do circuito cinematográfico. A produção teve sua estreia mundial no 54º Festival de Cinema de Gramado, abriu o 19ºEncontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul e, recentemente, integrou a programação da 50ª Mostra Internacional de Cinema em São Paulo. O trailer oficial destaca, entre outros momentos, o depoimento da escritora, artista e teórica interdisciplinar Grada Kilomba, uma das vozes internacionais presentes na obra. O vídeo está disponível em: https://youtu.be/ff9ZRBrKZUU.

Realizado ao longo de seis anos, com filmagens em diferentes países e continentes, o filme nasce do encontro entre as trajetórias de Sabrina Fidalgo, cineasta negra brasileira, e Yvan Rodic, fotógrafo suíço branco. A partir de suas diferentes experiências e posições nessa história, os dois realizadores percorrem territórios, arquivos, memórias e subjetividades, colocando em diálogo perspectivas distintas sobre as marcas do colonialismo e sua permanência no presente. Sem buscar respostas fáceis, o filme levanta questões incômodas sobre privilégio, responsabilidade histórica e as relações entre o Sul e o Norte globais, convidando o espectador a rever certezas e a questionar o que ainda permanece invisível nas estruturas que moldam o mundo contemporâneo.

Entrelaçando experiências pessoais, pesquisa histórica, deslocamentos geográficos e reflexão política, "O Projeto" aborda questões como colonialismo, racismo, supremacia branca, memória, pertencimento e resistência. O filme coloca em diálogo perspectivas e experiências atravessadas, de maneiras distintas, por uma mesma história global.

Ao longo dessa jornada, os realizadores encontram intelectuais, artistas, pesquisadores, ativistas e lideranças de diferentes partes do mundo. Entre os participantes estão Grada Kilomba, Djamila Ribeiro, Joice Berth, Preto Zezé, Anderson França, Rokhaya Diallo, Maxwell Alexandre, Hans Fässler, Moshtari Hilal, Sinthujan Varatharajah, Mata Gabin e Ali Delgado, entre outros.

Mais do que reconstruir historicamente o colonialismo, "O Projeto" busca observar como suas estruturas permanecem inscritas nas relações sociais, econômicas, políticas, culturais e afetivas contemporâneas. Ao mesmo tempo, acompanha diferentes formas de resistência, reinvenção e produção de futuro.

O longa é uma produção da Gullane, liderada por Caio Gullane, Fabiano Gullane e André Novis, em coprodução com Fidalgo Produções, Globo Filmes e Canal Brasil, em associação com Yvan Rodic Media. A distribuição é da Gullane+. O filme conta ainda com apoio institucional da ANCINE, patrocínio da RD Saúde e apoio do Le Fonds de Dotation agnès b.

FICHA TÉCNICA: O PROJETO / Gullane em coprodução com Fidalgo Produções, Globo Filmes e Canal Brasil, em associação com Yvan Rodic Media / Direção: Sabrina Fidalgo e Yvan Rodic / Roteiristas: Sabrina Fidalgo e Yvan Rodic / Produtores: Caio Gullane, Fabiano Gullane, André Novis / Produtores Executivos: Ana Saito, Gabriela Tocchio, Pablo Torrecillas, Ana Vezzi, Daniela Antonelli Aun / Coprodução: Sabrina Fidalgo e Laís Bodanzky / Produção Associada: Yvan Rodic, Ludivine Camus / Direção de Fotografia: Julia Zakia / Montagem: André Bomfim / Consultoria de Montagem: Cristina Amaral / Música Original: Plínio Profeta / Supervisão de Edição de Som e Mixagem: Ricardo Cutz Depoimentos de: Grada Kilomba, Djamila Ribeiro, Joice Berth, Preto Zezé, Anderson França, Rokhaya Diallo, Maxwell Alexandre, Hans Fässler, Mata Gabin, Sinthujan Varatharajah, Moshtari Hilal, Henrique de Azeredo Miranda, Thomas Braunschweig, Renate Bürner-Kotzam, Sadakne Baroudi, Leema Mason, Henrique Bon, Ali Delgado, Faustino Lencina, Alejandro Joma, dentre outros. Duração: 95min

CONHEÇA MAIS SOBRE

@gullanemais
@globofilmes
@canalbrasil

DESTAQUE NA CENA TEATRAL BRASILIENSE, O ÚLTIMO TANGO TRÁS DISCUSSÃO SOBRE ENVELHECIMENTO E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Além das sessões da peça, o projeto traz ações paralelas como aulão de tango em espaço público, exposição de fotos de bailarinos 50+, oficina lúdica para idosos e ciclo de debate sobre o envelhecer e ação formativa em escola pública

O projeto "O Último Tango – A Rota dos Bem-vividos", da Criaturas Alaranjadas, uma das companhias de teatro mais atuantes de Brasília (DF), é um compasso entre dança, teatro, audiovisual e música. O espetáculo, com direção de Sérgio Maggio, desembarca para uma curtíssima temporada em São Paulo no Teatro Arthur Azevedo @teatroarthurazevedosp, entre os dias 19 e 22 de novembro, de quinta a sábado, às 20h, e no domingo, às 19h.

O trabalho é uma espécie de lampejo lúdico, inovador e essencial para a sociedade discutir e repensar o etarismo e a intolerância religiosa como importantes temas de política pública. Multicultural, o projeto foi contemplado pelo Fundo de Apoio à Cultura (FAC) do Governo do Distrito Federal e traz em seu escopo uma série de atividades em torno da itinerância, que abre as comemorações dos 20 anos da Criaturas Alaranjadas.

Além da peça, o projeto propõe uma intensa vivência na capital paulista com exposição de fotografias de bailarinos 50+ no foyer do teatro; aulão de tango na entrada do teatro; uma oficina de jogos teatrais para pessoas na maturidade; debate sobre o papel da arte contra o etarismo e uma ação formativa em escola pública em três movimentos (os artistas vão à escola; a escola vai ao teatro; e os estudantes dão um retorno sobre a experiência).

"Entendemos o teatro como uma potente arte de desestruturar preconceitos. Esse é um projeto de fôlego, uma itinerância inédita que parte da montagem teatral e dialoga com multilinguagens como a dança, a fotografia, com o objetivo de pautar o envelhecimento e suas consequências. A urgência de políticas públicas e o combate ao etarismo",", destaca o ator Jones Schneider, um dos atores mais presentes na cena brasiliense com 40 anos de palco.



A encenação

O Último Tango mergulha no universo de dois desconhecidos que se unem em razão da paixão pelo tango e que revoluciona as suas vidas. Os personagens, Antônio (Miqueias Paz) e Manoel (Jones Abreu Schneider) apontam para a capacidade de reinvenção do ser humano em qualquer faixa etária da vida.

Executados pelos musicistas Janaina Sabino (piano digital) e Pedro Tupã, o tango e canções de matriz africana são temas para reflexões profundas sobre encontros e superação. Temas como finitude, etarismo, intolerância religiosa, homofobia e os horrores e contradições de um tempo que flerta com o fascismo vão sendo costurados e resultam em um palco para reflexões sobre a vida e a autonomia na terceira idade.

Com texto inédito de Santiago Serrano e dirigido pelo dramaturgo e roteirista baiano Sérgio Maggio, o espetáculo reúne um time talentoso de diversas gerações da capital federal. A cineasta Catarina Accioli assina o vídeo dança que intercala o espetáculo, filmado em uma reserva natural do Distrito Federal com os bailarinos Lenna Siqueira (RJ) e Dilo Paulo (ANGOLA), na Cia. Corpus entre Mundos.

Agraciada com o Prêmio de Estímulo ao Teatro Funarte 2022, a montagem estreou no Centro Cultural Banco do Brasil de Brasília, em 2023, e percorreu seis cidades do Distrito Federal, sendo vista por mais de 5 mil pessoas em 40 sessões. "Circular é o maior objetivo de quem faz teatro. Nasci e aprendi a compreender a força do teatro em Salvador. Chegar à cidade com uma montagem tão especial em nossa trajetória é um sonho", aponta Sérgio Maggio.

A peça foi apontada pela crítica como um dos destaques da cena brasiliense em 2023/2024:

"O Último Tango discute temas importantes como o etarismo, a homofobia, o racismo, o racismo religioso, preconceitos em suas mais variadas vertentes, de uma forma profunda e ao mesmo tempo leve, com muita emoção, mas também com bom humor, flutuando pelas questões sociais e existenciais do nosso tempo. Uma poesia sobre o hoje, sobre ser, sobre todos nós, sobre a importância da solidariedade, sobre ser humano e o inevitável, envelhecer; mas principalmente sobre manter a chama da vida acesa e buscar caminhos". (Rodrigo Ferret, Crítica em Cena)

AÇÕES PARALELAS

O projeto prevê as seguintes atividades que acontecem paralelas ao espetáculo:

- Aula de Tango: direcionada ao público passante e aberta a qualquer pessoa, sem limite de idade.

- Corpos que dançam não envelhecem: no foyer do teatro, enquanto espera o primeiro sinal, o espectador vai apreciar a exposição "Corpos que Dançam não Envelhecem", da fotógrafa Nityama Macrini. A mostra surge como uma proposta ousada e necessária para desmistificar a ideia de que a dança é uma prática reservada apenas ao corpo jovem. Ao clicar dançarinos na maturidade, o projeto desconstrói os preconceitos associados ao corpo do artista e à sua

...continuação da página anterior....

suposta "data de validade".

Foram fotografados, em Brasília, ícones da dança do DF: Yara de Cunto (bailarina clássica, coreógrafa contemporânea e criadora do Balé do Teatro Guaíra), Gisèle Santoro (bailarina clássica, coreógrafa e mentora do Seminário Internacional de Dança), Lenora Lobo (dançarina e coreógrafa da Alaya Cia. de Dança) e Luciana Lara (dançarina e coreógrafa Anti Status Quo Cia. de Dança), e bailarino e coreógrafo moçambicano Idio Chichava, que fez residência na capital.

-A Arte Contra o Etarismo: o debate discute a memória e as experiências de envelhecimento em populações consideradas vulneráveis.

-Jogos Lúdicos para a Maturidade (com Jones Abreu Schneider): estimular a criatividade, a memória e o bem-estar emocional são os principais objetivos dessa iniciativa para promover a interação e a socialização entre os idosos.

-Formação de plateia em 3 Movimentos: o grupo visita uma escola pública e fala sobre teatro e a temática da peça. Depois, a escola recebe o convite para levar os estudantes em dois ônibus para o teatro, onde assistem à peça e participam de um bate-papo. Por fim, o grupo aplica um questionário sobre a experiência.

Sobre Criatura Alaranjadas

Sediado em Brasília, o Coletivo surgiu em 2007 no encontro entre o dramaturgo e diretor Sérgio Maggio e o ator e artista visual Jones Schneider, surgindo assim um dos grupos mais inventivos e atuantes do Centro-Oeste.

Com uma produção continuada, conquistou importantes prêmios e patrocínios nacionais como Petrobras BR (Eu Vou Tirar Você Deste Lugar – As Canções de Odair José e Eros Impuro), Banco do Brasil (L, O Musical, Odair José, Duas Gotas de Lágrimas no Frasco de Perfume, Mitos do Teatro Brasileiro); Funarte (Cabaré das Donzelas Inocentes, Eros Impuro e O Último Tango). O grupo tem uma pesquisa sobre teatro musical popular brasileiro (TMBP) com indicações aos prêmios Bibi Ferreira e Reverência.



FICHA TÉCNICA Direção de cena: Sérgio Maggio / Direção de imagens: Catarina Accioly / Dramaturgia: Santiago Serrano / Tradução: Carmem Moretzsohn / Intérpretes: Miqueias Paz @miqueias.paz (Antônio) e Jones Abreu Schneider @jones.abreu.schneider (Manoel) / Musicista: Janaina Sabino (piano digital), Pedro Tupã (percussão) / Bailarinos em videoarte: Dilo Paulo e Lenna Siqueira (Corpus entre Mundos) / Fotógrafa exposição: Nityama Macrini. / Bailarinos exposição: Yara de Cunto, Gisèle Santoro, Lenora Lobo, Luciana Lara e Idio Chichava / Cenografia: Maria Carmem de Souza / Coreografia cênica: Dilo Paulo / Desenho de luz original: Rodrigo Lélis / Iluminação itinerância: Gabriel Martins. / Preparação e coreografias de tango: Paulo Pivetta / Edição e câmeras: João Paulo Procópio e Gui Campos / Pesquisa de figurino e objetos de cena: Astaruth Lira, Jones Abreu Schneider e Sérgio Maggio / Figurino: Jones Schneider / Artesã bonecos: Edinartes-gomes / Coordenação de acessibilidade: Criaturas Alaranjadas / Identidade visual: Fernando Lopes Design: Jana Ferreira / Redes sociais: Criaturas Alaranjadas / Produção Local: Ana Nero (SP) / Produção: Criaturas Alaranjadas.

Sinopse Na vida de Antônio, um octogenário viúvo que vive sob a pressão de seus filhos, a perda de memória parece um fardo. No entanto, seu espírito sonhador ainda brilha ao lembrar-se da promessa feita a sua falecida esposa, Elvira: aprender a dançar tango e conhecer Buenos Aires. Por outro lado, Manoel, um artista maduro sem residência fixa, enfrenta dificuldades financeiras enquanto ensina tango nas praças. Quando os caminhos de Antônio e Manoel se cruzam, eles descobrem uma conexão inesperada que transforma suas vidas. Juntos, eles se unem ao ritmo vibrante do tango portenho, rompendo as barreiras do tempo e da solidão, e criando uma narrativa poderosa sobre sonhos, solidariedade e a luta contra as adversidades. Uma história que se impõe à sociedade, urgentemente convidando à reflexão.

Serviço: O Último Tango, com Criaturas Alaranjadas / Sessões: 19 a 22 de novembro de 2026 / De quinta a sábado, às 20h, e no domingo, às 19h / Teatro Arthur Azevedo - Av. Paes de Barros, 955 - Alto da Mooca, São Paulo / Ingressos: Grátis, devem ser retirados uma hora antes da bilheteria / Classificação indicativa: 12 anos / Duração: 70 minutos / Acessibilidade: teatro acessível para cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida

Aula de Tango Quando: 20 de novembro, sexta. das 17h às 18h Na entrada externa do teatro. Grátis

Oficina de Jogos para Pessoas na Maturidade Quando: 21 de novembro, sábado, das 17h às 18h Grátis

Debate - A Arte Contra o Etarismo Quando: 22 de novembro, domingo, às 17h Grátis

Exposição Corpos que dançam não envelhecem acontecerá durante a temporada no foyer Grátis

LEIA! SE GOSTAR MANDE EM FRENTE.
SE GOSTAR MUITO CONSIDERE NOS AJUDAR.

Com sua ajuda financeira, poderemos financiar parte das nossas atividades e investir ainda mais na qualidade da revista. Qualquer contribuição é bem-vinda.

USE A CHAVE PIX:
lacrezine@gmail.com

IVAN LINS VOLTA AO THEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO EM ÚNICA APRESENTAÇÃO COM A ORQUESTRA MPB JAZZ

Depois do enorme sucesso do última apresentação, com lotação esgotada, o Theatro Municipal do Rio de Janeiro será palco, mais uma vez, de um show ímpar: Ivan Lins & Orquestra MPB Jazz @ivanlinsoficial @orquestrampbjazz. Com única apresentação, no dia 8 de novembro, domingo, às 18h, Ivan vai mostrar os maiores sucessos de sua carreira que marcaram gerações como Madalena, Vitoriosa, Lembra de mim, Vieste, Começar de Novo, Dinorah Dinorah, Novo Tempo, entre outros. O cantor, pianista e compositor estará acompanhado da Orquestra MPB Jazz, sob a regência do maestro Renato Coelho. Os ingressos já estão disponíveis através do site https://feverup.com ou na bilheteria do Theatro.

E há de se comemorar os 81 anos de vida e mais de 60 de carreira de um dos artistas mais importantes da nossa música. Para o maestro Renato Coelho, será mais uma noite inesquecível. "Ivan foi o nosso primeiro artista convidado, em maio de 2023. De lá para cá, crescemos, novos músicos chegaram, novos artistas passaram pelo nosso palco, e novos lugares entraram para a nossa história. E agora vamos repetir essa parceria pela terceira vez. Vai ter música para cantar junto, música para se apaixonar, música para lembrar de alguém e, provavelmente, aquela música que faz todo mundo olhar para o lado e pensar: Essa é a nossa!", sinaliza.

Ivan Lins

Nascido em 1945, no Rio de Janeiro – Brasil, Ivan Lins tornou-se conhecido do grande público no início dos anos 1970, despontando como um dos principais talentos de uma nova geração da música popular brasileira. Experimentou enorme e explosivo sucesso após ter sido segundo colocado no 5° Festival Internacional da Canção (1970), da Rede Globo, com a canção "O Amor é o Meu País" (Ivan Lins/Ronaldo Monteiro de Souza). No mesmo ano, Elis Regina lançava "Madalena" (Ivan Lins/Ronaldo Monteiro de Souza), canção que marcaria toda a sua carreira.

Embora sua produção inicial tivesse uma relação íntima com estilos da música Pop Rock norte-americana, ao longo dos anos 70, Lins se apropriou, cada vez com maior intensidade, de estilos nacionais e regionais, como samba, bossa nova, baião, xote e moda de viola. Nessa fase, sua parceria com o letrista Vítor Martins foi determinante para o aprimoramento de seu estilo, quando os dois criaram verdadeiros clássicos da música brasileira. Foi quando Ivan Lins se firmou como uma das vozes mais ativas da canção popular, apresentando um rico repertório que falava de amor, relações humanas, sociedade e política. Durante o regime militar no Brasil, sua música trouxe alento, crítica e esperança de liberdade e justiça social.

Na década de 1980, começou a ter seu talento reconhecido em âmbito internacional. Tornou-se um dos compositores brasileiros mais gravados no exterior. Suas canções foram interpretadas por artistas de grande renome internacional, como Ella Fitzgerald, Sarah Vaughan, George Benson, Michel Legrand, Sting, Diana Krall e seu grande amigo Quincy Jones. Ainda nos anos 80, fundou com Vítor Martins a gravadora "Velas", visando lançar artistas de grande qualidade e com dificuldade de acesso às grandes empresas fonográficas.

Vencedor de inúmeros prêmios internacionais, Ivan Lins conquistou, em 2005, o Grammy Latino na categoria Álbum do Ano, tornando-se o primeiro artista de língua portuguesa a receber a premiação nessa categoria.



Ivan Lins com a MPB Jazz por Daniel Ebendinger

Renato Coelho

Natural do Rio de Janeiro, Renato Coelho iniciou seus estudos musicais aos 9 anos de idade e aos 10 teve o primeiro contato com a clarineta. Foi aluno do clarinetista Moisés Santos e recebeu orientações de muitos clarinetistas brasileiros, bem como de renomados professores internacionais. Colabora como músico convidado mais importantes orquestras do Rio de Janeiro, como a Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e a Orquestra Sinfônica Nacional. Participou também como músico multi-instrumentista dos principais musicais realizados no Rio. Tem atuado em gravações sinfônicas e camerísticas ao lado de renomados artistas da MPB. É Bacharel em Clarineta pela UFRJ, sob orientação dos Professores Cristiano Alves e José Batista Junior. Em 2023, fundou a MPB Jazz Produções Artísticas para desenvolver projetos que promovem a cultura e a música brasileira. Em seu currículo já regeu shows de artistas como Diogo Nogueira, Ed Motta, Flávio Venturi, João Bosco, Elba Ramalho e o próprio Ivan Lins.

Serviço: **Série Joias da MPB / Ivan Lins & Orquestra MPB Jazz / 8 de novembro de 2026** (domingo) / 18h – Não será permitida a entrada após o início do espetáculoz / **Theatro Municipal do Rio de Janeiro**, Praça Floriano s/ nº – Centro / Classificação: Livre / Abertura do local às 17h / Os ingressos estão à venda através do site https://feverup.com ou na bilheteria do Theatro. / Ingressos: Frisa ou Camarote – R$400,00 (individual) / Plateia – R$400 / Balcão Nobre – R$350,00 / Balcão Superior – R$250,00 / Balcão Superior Lateral – R$220,00 / Galeria – R$200,00 / Galeria Lateral – R$180,00 / Assento para obesos – R$400 / Duração: 2h / Abertura do local às 18h

LEIA!
SE GOSTAR MANDE EM FRENTE.
SE GOSTAR MUITO CONSIDERE NOS AJUDAR.

Com sua ajuda financeira, poderemos financiar parte das nossas atividades e investir ainda mais na revista e na qualidade dos nossos produtos e serviços. Qualquer contribuição é bem-vinda.

USE A CHAVE PIX:
lacrezine@gmail.com

MUSICAL INFANTOJUVENIL “A MENINA QUE INUNDOU O MUNDO”, COM DIREÇÃO DE KIKO MARQUES, ABRE SESSÕES EXTRAS NO TEATRO SÉRGIO CARDOSO ATÉ DIA 29 DE NOVEMBRO

Com dramaturgia de Andressa Secchin e Laura Sciulli, a montagem trata de temas como compreensão emocional, luto e relações familiares



“Há quem diga que choro é tudo igual. Ou ainda que só se chora de tristeza ou de alegria e que se for de tristeza: é uma pena, mas se for de alegria: é uma dádiva” - trecho da peça

Uma pequena menina descobre as suas diferentes emoções e tenta aprender como lidar com elas no musical para família toda, A Menina Que Inundou o Mundo, com direção de Kiko Marques e dramaturgia de Andressa Secchin e Laura Sciulli, que ainda assinam as letras originais ao lado do compositor e diretor musical Guilherme Gila. O espetáculo, encabeçado por Baldaquim Produções, Culturalia e Livre Entretenimento, fica em cartaz no Teatro Sérgio Cardoso até dia 29 de novembro de 2026. O elenco conta com Ananza Macedo, Andressa Secchin, Laura Sciulli, Mau Alves e Yuri Izar. A direção coreográfica é de Pablo Petronilho.

Na trama, a pequena Biê descobre que beleza, raiva, medo, solidão, gratidão e muitos outros sentimentos, que, às vezes, nem tinham nomes, também fazem chorar. Ela tem 9 anos, mora com a mãe e o irmão, frequenta a escola e ama seus amigos e seu avô. Sua manifestação nas descobertas da vida é expressa através do choro, mas as pessoas ao redor a inibem dizendo que ela chora por tudo.

Após uma briga com o irmão, ela faz um pedido aos céus para que sua “bolsinha de choro” se esvazie. Nesse momento, Biê encontra uma gatinha perdida, o que a faz chorar novamente e ela acredita que, se chorar muito, suas lágrimas secarão logo. Então, mergulha em uma jornada emocional repleta de intensas experiências e cada uma delas gera emoções diversas, desde amor e raiva a dor e euforia.

A ideia da peça é tratar de temas como educação emocional, autocontrole e autorregulação emocional, ajudando o mini público a reconhecer, compreender e nomear diferentes emoções, entendendo que cada pessoa as vivencia e expressa de maneira única e que o corpo também fala através das emoções e das sensações. Afinal, aprender a acolher e respeitar os próprios sentimentos e os dos outros, permitindo que sejam vividos e expressos de forma saudável, fortalece a consciência emocional, o bem-estar e a capacidade de cuidar de si mesmo e dos outros.

Outras questões fundamentais trazidas pelo trabalho são o luto e a saudade, em uma tentativa de ajudar os pequenos a lidar com essas perdas que fazem parte da vida, além das relações sociais, a convivência com pessoas diferentes de nós e o amadurecimento.

O musical original e inédito reforça a importância de investir e valorizar a dramaturgia brasileira e a criação de novas histórias, contribuindo para o fortalecimento da pro-



...continuação da página anterior....

dução cultural nacional e para a ampliação do repertório artístico disponível ao público. Esse espetáculo estimula a diversidade criativa e promove experiências que unem entretenimento, reflexão, aprendizado e sensibilidade.

Em cena, músicos executam a trilha sonora ao vivo, tecendo paisagens sonoras que acompanham e atravessam a dramaturgia. A música amplia emoções, colore as transições entre sentimentos e convida o público a mergulhar, junto aos personagens, em cada descoberta e transformação da jornada.

Ao incentivar a identificação e a expressão dos sentimentos, a peça contribui para a alfabetização emocional. Seus temas dialogam diretamente com propostas pedagógicas voltadas à convivência, ao desenvolvimento sócio emocional, ao mesmo tempo em que ajudam a desconstruir ideias e crenças culturais que associam a expressão das emoções à fragilidade.







Ficha Técnica: Dramaturgia: Andressa Secchin e Laura Sciulli / Letra Original: Andressa Secchin, Guilherme Gila e Laura Sciulli / Composição e Direção Musical: Guilherme Gila / Direção Geral: Kiko Marques / Idealização: Planeta Biê / Produção: Baldaquim Produções, Culturalia e Livre Entretenimento

Sinopse: Biê tem 9 anos e sente tudo de um jeito enorme e muitas vezes isso aparece em forma de lágrimas. Mas será que existe só choro de tristeza ou de alegria? Entre descobertas, aventuras e encontros inesperados, ela embarca em uma jornada pelo universo dos sentimentos, aprendendo que cada emoção tem seu lugar e sua importância. Com humor, delicadeza e imaginação, a peça convida crianças e adultos a refletirem sobre empatia, acolhimento e a beleza de expressar o que sentimos.

Lei Rouanet. Apresentado por Ministério da Cultura e BTG Pactual. Realização Baldaquim Produções, Livre Entretenimento e Ministério da Cultura.

Serviço: A Menina Que Inundou o Mundo / até 29 de novembro de 2026 / Aos sábados e domingos, às 15h / A partir de 21 de novembro, sessões extras às 11h. / **Teatro Sérgio Cardoso** - Sala Paschoal Carlos Magno - Rua Rui Barbosa, 153 - Bela Vista, São Paulo / Ingressos: R$25 à R$120 / Vendas online em https://bileto.sympla.com.br/event/125973 / Bilheteria: Aberta nos dias de espetáculo, das 14h até o início da atração. / Classificação: Livre / Duração: 60 minutos / Capacidade: 143 lugares + 6 espaços de cadeirantes

Siga: https://planetabie.com.br/menina @oplanetabie

...vai que seja utilidade pública....







FUNDAÇÃO MARIA LUISA E OSCAR AMERICANO APRESENTA COLEÇÃO INÉDITA DE ARTE AFRICANA

“África - Ancestralidade e Sincretismos” reúne obras de diferentes regiões do continente e explora como as tradições africanas influenciaram a arte, a religiosidade e a formação da identidade cultural brasileira





A Fundação Maria Luisa e Oscar Americano mantém desde outubro a exposição África - Ancestralidade e Sincretismos. Com curadoria de Renato Araújo e Rafael Schunk a mostra reúne, ao total, 94 peças, entre máscaras, esculturas, bustos e objetos associados à religiosidade e às tradições ancestrais de diferentes povos e regiões do continente africano. O destaque é a coleção de arte africana de Marco Antônio de Biaggi, que ganha destaque na mostra com 70 peças; formada ao longo de décadas e apresentada ao público pela primeira vez. O percurso expositivo também inclui obras das coleções Ivani e Jorge Yunes e César De La Croix, Paris.

A exposição parte de dois eixos curatoriais complementares: 1. a diversidade, expressa na variedade de povos, regiões e manifestações culturais representados nas obras, e 2. a unidade, que se revela nas conexões entre essas tradições e na formação cultural do Brasil e das Américas. Nesse contexto, o sincretismo surge como resultado do encontro entre matrizes africanas, indígenas e europeias, em um processo que aproximou diferentes culturas sem apagar suas particularidades.

As raízes africanas da cultura brasileira

As obras evidenciam a diversidade de tradições artísticas, conhecimentos e práticas religiosas de diferentes povos africanos que atravessaram o Atlântico e foram transmitidos entre gerações ao longo das últimas décadas, deixando marcas enraizadas na sociedade brasileira. Entre os destaques estão os povos Bantu, especialmente os Bakongo, originários de regiões do Congo e de Angola, cujas contribuições abrangem conhecimentos de metalurgia e agricultura, além de manifestações religiosas e culturais presentes em expressões como as congadas.

A mostra também aborda a influência dos Iorubás, da África Ocidental, cujas tradições estão presentes no candomblé, na música, nos saberes medicinais e nas artes afro-brasileiras. Outros povos representados, como Ashanti, Maconde, Luba, Hemba, Baga, Bamana, Dogon e Senufo, ampliam o panorama da diversidade cultural do continente. “Buscamos reunir obras de diferentes localidades para apresentar parte da riqueza cultural da África. Ao mesmo tempo, quando esses objetos são colocados em diálogo, podemos perceber como essa diversidade encontrou, no Brasil e nas Américas, pontos de contato que contribuíram para a formação de uma cultura marcada pelo sincretismo”, explica Renato Araújo, curador e pesquisador da Associação Museu Afro Brasil desde 2009.

A escolha das obras a serem expostas também contempla a diversidade de materiais, técnicas e funções dos objetos, que incluem peças em madeira, bronze e fibras naturais, máscaras, esculturas devocionais e objetos ritualísticos. “A seleção do conjunto de obras permite explorar tanto a riqueza formal dessas produções quanto suas relações com a história dos povos africanos e com a diáspora que contribuiu para a formação da sociedade brasileira”, destaca Rafael Schunk, curador e mestre em artes visuais.

Sincretismo: adaptação e resistência cultural

A mostra investiga, também, o sincretismo afro-brasileiro como um processo de transformação e resistência diante das restrições impostas às práticas religiosas de matriz africana. Em um contexto histórico marcado pela escravização e pela perseguição a essas manifestações de fé, diferentes tradições encontraram caminhos para preservar vínculos ancestrais e estabelecer novas relações simbólicas.

Para Renato Araújo, o sincretismo revela a capacidade de adaptação das tradições africanas diante das tentativas de impedir sua continuidade. “A resistência diante da opressão cria o sincretismo: duas tradições encontram um ponto em comum. Quando o culto a determinadas divindades africanas era proibido, estabeleceram-se correspondências com santos católicos que apresentavam características semelhantes. Dessa forma, o que era uma restrição também se tornou uma estratégia de preservação cultural e de manutenção dos vínculos com a

...continuação da página anterior....

ancestralidade", explica.

Esse cruzamento de referências pode ser observado em diferentes objetos presentes na exposição, como cruzes etíopes, balangandãs com pingentes de significado religioso e esculturas de santos. Mais do que uma simples combinação de crenças, essas expressões evidenciam a capacidade de reinvenção das tradições africanas e sua permanência na formação religiosa e cultural brasileira.

A presença da estética africana na arte e na cultura

Outro aspecto abordado pela mostra é a presença das formas e linguagens visuais africanas na história da arte. A exploração de linhas, volumes e soluções formais, assim como a dimensão simbólica dos objetos, atravessou fronteiras e influenciou diferentes movimentos artísticos, especialmente a arte moderna europeia.

No contexto brasileiro, essas obras também permitem reconhecer uma herança que integra a própria identidade do país. "Esses objetos têm uma dimensão histórica, identitária e, sobretudo, íntima para nós. Os africanos não são 'outros' na formação brasileira: suas culturas fazem parte de quem somos.", afirma Renato Araújo. Ao preservar os contextos históricos, sociais e espirituais dos objetos, a exposição convida o público a ir além de sua apreciação estética e a reconhecer as obras como expressões de saberes, crenças e visões de mundo transmitidos entre gerações.

Ancestralidade e origens da humanidade

A relação entre passado e presente atravessa toda a exposição, que propõe uma reflexão sobre a presença das culturas africanas na identidade brasileira e sobre a ancestralidade como experiência compartilhada pela humanidade.

"A principal reflexão que esperamos que os visitantes façam ao olhar cada obra da exposição é uma pergunta a si próprio: há cerca de 250 mil a 300 mil anos não existiam seres humanos fora da África. Foi desse continente que vieram os ancestrais de todos os mais de 8 bilhões de habitantes do planeta, desde as crianças que estão nascendo agora nos hospitais, todos os descendentes futuros deles remete historicamente ao mesmo lugar: a África. Sendo assim, quanto esse misterioso continente teria a ver conosco e na verdade ainda nem sabemos?", conclui o pesquisador e curador Renato Araújo.

Sobre os curadores

Rafael Schunk é arquiteto, mestre em artes visuais pela UNESP (Universidade Estadual Paulista), e pesquisador de arte sacra luso-brasileira. Participou de projetos e publicações no Museu de Arte Sacra de São Paulo, Santana de Parnaíba, Casa de Portugal, Palácio dos Bandeirantes, Museu Afro Brasil Emanoel Araujo, Museu de Congonhas, Fundação Maria Luisa e Oscar Americano e Museu de Arte Sacra e Diversidade Religiosa (MASDR) de Olimpia, no interior de São Paulo.

Renato Araújo da Silva é pesquisador da Associação Museu Afro Brasil desde 2009, tendo também pertencido à equipe de educadores da instituição por quatro anos a partir de 2005. Tem experiência nos campos de arte africana e filosofia. Com ênfase nas joias africanas e na filosofia antiga, ele atua principalmente com os seguintes temas: joias africanas, artes africanas, arte e joalheria afro-brasileiras, dinheiro primitivo, acervo de joias do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), antropologia econômica, arqueologia, acervos de museus e catalogação, bem como desenvolve pesquisas sobre filosofia pré-socrática, Demócrito e atomismo antigo.

SERVIÇO Exposição África - Ancestralidade e Sincretismos, Curadoria de Rafael Schunk e Renato Araújo, Em cartaz até março de 2027, **Fundação Maria Luisa e Oscar Americano - Av. Morumbi, 4077 - São Paulo**, Ingressos: R$ 40,00 (inteira) e R$ 20,00 (meia-entrada). Entrada gratuita às terças-feiras. Mais informações: https://www.fundacaooscaramericano.org.br/ / Meia-entrada: Estudantes, pessoas maiores de 60 anos e portadores de necessidades especiais (PNE). Entrada gratuita: Visitas agendadas de grupos provenientes de escolas públicas e de instituições sociais sem finalidades lucrativas que atuam com pessoas com deficiência e/ou em situação de vulnerabilidade social, assim como os professores(as), coordenadores(as), diretores(as), supervisores(as) e quadro de apoio que os acompanhe. Profissionais filiados ao ICOM – Conselho Internacional de Museus e à ABCA – Associação Brasileira de Críticos de Arte, mediante apresentação de carteirinha.

...vai que seja utilidade pública....



09:01 · 18/12/2025 · **459k** visualizações

“TCHIBUM!” INVESTIGA AS RELAÇÕES ENTRE CORPO, ÁGUA E NATUREZA EM ESPETÁCULO DE DANÇA CONTEMPORÂNEA NO ESPAÇO TÁPIAS



Com direção e interpretação de Bia Vinzon, montagem será apresentada na Sala Maria Thereza Tápias, na Barra da Tijuca, propondo uma reflexão poética sobre a água como elemento que conecta os corpos e o mundo

A água está em tudo: nos rios, nos mares, nas nuvens e também na composição dos nossos corpos. É a partir dessa matéria essencial à vida que Bia Vinzon constrói “TCHIBUM!”, espetáculo de dança contemporânea que investiga as relações entre corpo, água e território. A montagem acontece nos dias 7 e 8 de novembro à Sala Maria Thereza Tápias, no Espaço Tápias, na Barra da Tijuca, propondo ao público uma experiência cênica que aproxima movimento, percepção e imaginação.

Em cena, Bia Vinzon dança os caminhos da água e suas diferentes formas de existência. Ora mar, molécula, tecido, nuvem ou lágrima, esse elemento atravessa tempos, espaços e organismos, estabelecendo conexões que ultrapassam os limites individuais. A partir dessa perspectiva, o espetáculo lança duas perguntas que orientam sua pesquisa: “onde estou?” e “o que me conecta com o mundo?”.

Criado em 2021, “TCHIBUM!” articula dança contemporânea, educação somática e palhaçaria para explorar as relações entre corpo e ambiente. A investigação considera a água não apenas como elemento da natureza, mas também como matéria poética e sensível, capaz de provocar outras percepções sobre a existência e a relação com o planeta.

O trabalho tem uma trajetória que inclui compartilhamentos e residências artísticas em Chipre, Alemanha, Bélgica e Holanda, com passagens por espaços como PERA-GAU, UferStudios, Studio Remo e P.A.R.T.S. No Brasil, estreou em 2023, durante a ocupação do Teatro Cacilda Becker. Desde então, passou por diferentes espaços e encontros dedicados às artes da cena, incluindo duas temporadas no Teatro Angel Vianna, no Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro, em 2026.

A criação também integra a pesquisa acadêmica de mestrado de Bia Vinzon no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da UFRJ, intitulada “TCHIBUM! O Peso Cai Como Rio: Processo de Criação em Dança Contemporânea a partir das Matérias e Metáforas da Água e do Chão”. Até agora, o projeto já alcançou mais de 900 pessoas em apresentações e partilhas artísticas.

Artista, professora e pesquisadora da dança, Bia Vinzon é bacharel em Dança pela Faculdade Angel Vianna e mestre em Artes da Cena. Sua pesquisa artística transita pela dança contemporânea, floorwork, contato improvisação e educação somática.

FICHA TÉCNICA: Direção geral, texto e interpretação: Bia Vinzon / Supervisão cênica: Glaucy Fragoso / Cenografia: Paula Gonçalves / Figurino: Nina Monteiro / Iluminação: Tainã Miranda / Trilha sonora: Erikk Mckenzie / Produção: Ester Machado

SERVIÇO: TCHIBUM! / Direção geral, texto e interpretação: Bia Vinzon / Local: Sala Maria Thereza Tápias – Espaço Tápias - Av. Armando Lombardi, 175 – 2º andar, Barra da Tijuca / Data: 07 de novembro às 19h ; 08 de novembro às 20h / Ingressos: R$40 e R$20 https://www.sympla.com.br/produtor/espacotapias

SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA ESTREIA OBRA CONTEMPORÂNEA NO SESC GUARULHOS





Entre os dias 6 e 8 de novembro, a Companhia sobe ao palco do Sesc Guarulhos com a nova criação do coreógrafo israelense Nadav Zelner

A São Paulo Companhia de Dança (SPCD) — corpo artístico gerido pela Associação Pró-Dança — se apresenta no Sesc Guarulhos nos dias 6 e 7 de novembro. O programa reúne três obras contemporâneas: Aperture, de Edward Clug; EST.AÇÃO, de Lili de Grammont; e a estreia de Fishy, nova criação do coreógrafo israelense Nadav Zelner para a Companhia.

Reconhecido por uma linguagem vibrante, pulsante e marcada por um humor singular, Nadav Zelner cria pela primeira vez para a São Paulo Companhia de Dança. Em Fishy, o coreógrafo explora a capacidade humana de se adaptar a mudanças repentinas, investigando as dúvidas e incertezas que surgem diante do desconhecido. A criação parte da observação dos peixes que habitam o aquário de sua casa e encontra na música indiana — universo sonoro explorado por Zelner pela primeira vez — sua principal fonte de inspiração. A partir dela emergem o movimento, a narrativa e o universo visual da obra.

Em cena, Fishy propõe uma experiência de liberação e celebração, convidando o público a refletir sobre a necessidade de abandonar a busca por certezas e abraçar as transformações como parte da trajetória. "Minha intenção é lembrar ao público que a vida em si é uma celebração e que também é importante aprender a honrar e celebrar a tristeza e a dor", afirma o coreógrafo.

"Trazer Nadav para uma criação com a São Paulo Companhia de Dança é abrir espaço para um olhar intenso, inventivo e cheio de humor. Em Fishy, ele cria imagens e pequenas histórias que vibram entre a delicadeza e o inesperado. A expressividade percorre o corpo inteiro: do rosto à ponta dos pés, cada gesto ganha intenção, fluência e dinâmica. Os solos se entrelaçam aos grupos, mulheres e homens se encontram e os bailarinos entram e saem de cena como ondas. Entre fluxos e mudanças de direção, a obra nos convida a atravessar as incertezas e a descobrir, no próprio movimento, a confiança para seguir", afirma Inês Bogéa, diretora artística da São Paulo Companhia de Dança.

Aperture, de Edward Clug, investiga a intimidade humana e a dinâmica do desejo entre corpos, revelando sua construção, transformação e possível desaparecimento. Com uma linguagem coreográfica precisa e sensível, a obra expõe as nuances da atração e da vulnerabilidade, conduzindo o público por uma experiência ao mesmo tempo íntima e universal. A obra estabelece uma analogia entre a íris, que se expande e se contrai, e a abertura de uma câmera, fazendo do palco um espaço que se revela e se retrai sob o olhar do espectador. O espaço não é literal, mas mental: um campo de encontros em que os intérpretes negociam continuamente distância e proximidade, atração e afastamento. Criada originalmente em 2019 para o NDT1, na Holanda, Aperture ganhou nova montagem para a São Paulo Companhia de Dança em 2026.

Segunda obra de Lili de Grammont para a São Paulo Companhia de Dança, EST.AÇÃO coloca em cena corpos que circulam entre chegadas e partidas, atravessados por forças em constante transformação. A dramaturgia da obra é organizada a partir de três sistemas: uma estação de trem, uma estação de rádio e uma estação meteorológica. Mais do que lugares, esses espaços funcionam como dispositivos de observação da experiência humana, onde pessoas, sinais e atmosferas coexistem em permanente estado de deslocamento. Entre humor, tensão e celebração, EST.AÇÃO investiga o tempo, a comunicação e a inevitabilidade da transformação.

SERVIÇO: Data e hora: 6 e 7 de novembro (sexta e sábado), às 20h, e 8 de novembro (domingo), às 18h / Sesc Guarulhos - R. Guilherme Lino dos Santos, 1200 - Jardim Flor do Campo, Guarulhos/SP / Ingressos: Credencial Plena Sesc: R$ 18 | Meia entrada: R$ 30 | Inteira: R$ 60 - na bilheteria física das unidades, via aplicativo SescSP ou via Central de Relacionamento Digital: https://centralrelacionamento.sescsp.org.br/







... Não para não!
Quinzena que vem
em mais LacrE.
Leia!
Se gostar,
mande
em frente...

Com sua ajuda financeira, poderemos investir ainda mais na qualidade da nossa revista. Qualquer contribuição é bem-vinda.

Use a chave pix:

lacrezine@gmail.com.

CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES:

e-mail:

paginaleste@hotmail.com

lacrezine@gmail.com